

COLETÂNEA DE TEXTOS ORIGINÁRIOS DE LÍNGUA ORAL

Prof. Claudemir Belintane

Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa - FEUSP

Textos originários da tradição oral, quando bem programados em currículos, podem constituir uma matriz de trabalho com um amplo espectro para as possibilidades de identificações e de emergência uma subjetividade de intertexto. Mobilizam o desejo porque remetem o aluno à sua cultura mais afetiva, mais afeita aos laços parentais - fazem emergir, por exemplo, a imagem de pessoas queridas, sujeitos singulares ("o contador de histórias da minha rua", "o tio que brincava com trava-línguas", "avós que contavam causos", "provérbios e adágios prediletos do avô, do pai").

Há uma infinidade de escritores que relatam a origem do desejo de ler e escrever nesses nichos parentais, nos momentos prazerosos quando a família brincava com palavras, com rimas, com adivinhas; quando contava história, enfim, nesses momentos mágicos em que o aconchego comunitário organiza e enreda seus convivas pela palavra. O interessante paradoxo dessa situação é que o mesmo campo de palavra que assujeita, que civiliza o indivíduo, que cria a moral civilizadora; também o redime, também fornece os ímpetus desejantes para os impulsos das subjetividades, para as rupturas e as recriações.

Uma boa abordagem desses gêneros orais pode ajudar a diluir os preconceitos que o ensino elitista despeja sobre a escola já que fornecem modelos e possibilidades para o professor trabalhar as variações da língua e da cultura e, ao mesmo tempo, valorizar e pôr em circulação produções textuais que vão da obra anônima, folclórica, a autorias populares qualificadas (cantadores, autores de cordel etc.) e a escritores e artistas valorizados pelo mundo acadêmico e pelo público em geral (românticos, pré-modernos, modernos e pós-modernos).

Segue abaixo um eixo para se trabalhar a oralidade:

1ª. Fase – Introdução

- Performance, acontecimento: o professor lança o gênero já praticando, a partir de sua memória e de sua voz. Sem o apoio da escrita, tal qual o gênero acontece na comunidade;
- Fazer uma coletânea oral na classe: "quem conhece outras iguais a estas de hoje?" – ainda oral, sem escrita.
- Pesquisa em casa: a criança vai buscar em casa o que a família tem sobre o gênero e deverá trazer na memória, para reatualizar na sala (recontar, propor adivinhas, declamar etc.)
- Registro no caderno – organização de uma pequena coletânea (cópia);
- Possibilidade de apresentações públicas (publicação)

2ª. Fase – Pesquisa

- Os alunos vão à biblioteca pesquisar livros sobre o gênero em questão (por exemplo, um livro de adivinhas ou de parlendas);
- Pesquisar criações a partir do gênero;
- Refletir sobre: "como os autores fizeram um livro sobre esse gênero? Nós também podemos fazer?"

3ª. Fase – Autoria

- Baseado nos modelos, os alunos criam dentro do gênero – a paródia é uma boa possibilidade, sobretudo para os contos de origem oral.
- Editoração
- Publicação

4ª. Fase – reflexão sobre o processo autoral.

- Após finalização do projeto: como nós começamos? De onde partimos? Enfim, refazer o processo para que os alunos tenham conhecimento do ponto de partida da criação.

É sempre importante lembrar que oralidade é memória, performance, acontecimento, portanto antecede a escrita no tempo. Os povos antigos e mesmo alguns que ainda hoje são ágrafos resolve(ra)m suas questões sociais e civilizacionais por meio da cultura oral. Era a luta contra o esquecimento, ou seja, era preciso narrar as façanhas do herói para se ter uma possibilidade de identificação, era preciso jogar com as palavras (brincar com adivinhas, contar uma piada) para tirar o tom trágico que a vida empresta à língua.

Prof. Claudemir Belintane

QUADRINHAS POPULARES / VERSINHOS

O COQUEIRO DE TÃO ALTO
 JOGA COCO NA RAIZ
 O MENINO MAIS BONITO
 TEM DEZ PALMOS DE NARIZ

O COQUEIRO DE TÃO ALTO
 JOGA COCO PELO CHÃO
 O TEU AMOR É TÃO FORTE
 QUE PARTIU MEU CORAÇÃO

O COQUEIRO DE TÃO ALTO
 JOGA COCO LA NA MATA
 OS MENINOS DESTA CLASSE
 GOSTAM MUITO DE BARATA

O COQUEIRO DE TÃO ALTO
 JOGA COCO LÁ NO MATO
 AS MENINAS DESTA CLASSE
 SE APAIXONARAM POR UM SAPO

O COQUEIRO DE TÃO ALTO
 JOGA COCO NA CIDADE
 MEU AMOR ESTÁ TÃO PERTO
 E EU MORRENDO DE SAUDADE

O COQUEIRO DE TÃO ALTO
 TEM A PALHA VERDE-ESCURA
 MORENINHO(A) ESTES SEUS OLHOS
 SÃO A MINHA SEPULTURA

O CRAVO TEM QUINZE PÉTALAS
 A ROSA TEM DEZESSEIS
 OU ME QUEIRAS PARA SEMPRE
 OU ME ESQUEÇAS DE UMA VEZ

O MEU CRAVO ESTÁ TRISTE
 O QUE FOI QUE ACONTECEU?
 FOI A ROSA AMARELA
 QUE DO CRAVO SE ESQUECEU.

II. PARALELISMO

*NÃO ME OLHE DE LADO
QUE EU NÃO SOU MELADO.*

*NÃO ME OLHE DE BANDA
QUE EU NÃO SOU QUITANDA.*

*NÃO ME OLHE DE FRENTE
QUE EU NÃO SOU PARENTE.*

*NÃO ME OLHE DE TRÁS
QUE EU NÃO SOU SATANÁS.*

*NÃO ME OLHE NA JANELA
QUE EU NÃO SOU PANELA.*

*NÃO ME OLHE DA PORTA
QUE EU NÃO SOU TORTA.*

*NÃO ME OLHE DO PORTÃO
QUE EU NÃO SOU LEITÃO.*

*NÃO ME OLHE NO OLHO
QUE EU NÃO SOU CAOLHO.*

*NÃO ME OLHE NA MÃO
QUE EU NÃO SOU MAMÃO.*

*NÃO ME OLHE NO JOELHO
QUE EU NÃO SOU ESPELHO.*

*NÃO ME OLHE NO PÉ
QUE EU NÃO SOU CHULÉ.*

*NÃO ME OLHE DE BAIXO
QUE EU NÃO SOU RIACHO.*

*NÃO ME OLHE DE CIMA
QUE ACABOU A RIMA*

CANTIGAS DE RODA

EU FUI NO TORORÓ
 BEBER ÁGUA NÃO ACHEI
 ACHEI BELA MORENA
 QUE NO TORORÓ DEIXEI

APROVEITE MINHA GENTE
 QUE UMA NOITE NÃO É NADA
 SE NÃO DORMIR AGORA
 DORMIRÁ DE MADRUGADA

Ó MARIAZINHA, Ó MARIAZINHA
 ENTRARÁS NA RODA
 FICARA SOZINHA

SOZINHA EU NÃO FICO
 NEM HEI DE FICAR
 TENHO O JOÃOZINHO
 PARA SER MEU PAR

O cravo e a rosa

O CRAVO BRIGOU COM A ROSA
 DEBAIXO DE UMA SACADA
 O CRAVO SAIU FERIDO
 A ROSA DESPEDAÇADA (OU DESPETALADA)

O CRAVO FICOU DOENTE
 A ROSA FOI VISITAR
 O CRAVO TEVE UM DESMAIO
 A ROSA PÔS - SE A CHORAR.

SAMBALELÊ

SAMBALELÊ TÁ DOENTE
 TÁ COM A CABEÇA QUEBRADA
 SAMBALELÊ PRECISAVA
 ERA UMA BOA LAMBADA

PISA,PISA,PISA
 Ó MULATA
 PISA NA BARRA DA SAIA
 Ó MULATA

PISA,PISA,PISA
 Ó MULATA
 PISA NA BARRA DA SAIA

FÓRMULAS DE ESCOLHA

(O TEXTO É PRONUNCIADO POR UMA CRIANÇA QUE, NA RODA, BATE NAS MÃOS ABERTAS DOS PARTICIPANTES À CADA SÍLABA EMITIDA, QUANDO A ÚLTIMA SÍLABA DO TEXTO INCIDIR SOBRE UMA MÃO, ESTA SAI DA RODA. O JOGO CONTINUA ATÉ QUE FIQUE APENAS UMA MÃO – ESTÁ ESCOLHIDO, PORTANTO, O PEGADOR OU A VÍTIMA DA BRINCADEIRA QUE VAI SE SUCEDER)

MINHA TIA DE CUECA
 MEU AVÔ NO ELEVADOR
 BRINCANDO DE PE-GA-DOR

LÁ EM CIMA DAQUELE MORRO
 TEM UM VELHO FOGUETEIRO
 QUE SÓ GOSTA DE MULHER
 QUE USA FITA NO CABELO

UMA, DUNA, TRENA, CATENA
 SACO DE PENA
 PILA, PILÃO
 CONTE BEM QUE DO-ZE SÃO

LÁ NA RUA VINTE E QUATRO
 MARIA MATOU UM GATO
 COM O SALTO DO SAPATO
 O SAPATO SE QUEBROU
 E MARIA SE EM-FOR-COU

UMA VELHA BEM VELHINHA
 FEZ XIXI NA CANEQUINHA
 FOI DIZER PARA A VIZINHA
 QUE ERA CALDO DE GA-LI-NHA

O PERU FOI A DENTISTA
 SE TRATAR DE DOR DE DENTE
 O DENTISTA DISSE ASSIM:
 QUEM TEM BICO
 NÃO TEM DENTE
 PAU E PORRETE
 BENGALA E CACETE
 TROCO UMA CASCA
 POR UM SOR...VE..TE

ADIVINHAS

Leia: Belintane, C. Advinha, leitura e escrita de desejo. In Calil, E. Trilhas da Escrita. Editora Cortez.

- | | | |
|---|-----|--|
| 1. O que é, o que é: Corre no mato, pára na terra ? | 11. | Sou dama delicada
Delicada no comer,
Mastigo e boto fora,
Engolir não pode ser. |
| 2. Lindos castelos,
Lindos penachos,
Água nas cuias
Flores nos cachos. | 12. | Verde é o meu nascimento,
Branco é o meu estado.
Visto-me de luto
Pra morrer arrebetada. |
| 3. Responda depressa
Não leve um tempão,
Está na palmeira
E na palma da mão. | 13. | Sou branca de nascimento,
Sou preta de geração,
Delgadinha na cintura
Vivo sempre na escuridão. |
| 4. Responda depressa
Não seja bocó,
Está no pomar
E no seu paletó. | 14. | Anda sempre na caneta,
É comprida na prisão,
Reveste o corpo das aves,
É o mesmo que compaixão. |
| 5. É preta, não é carvão,
É vermelha, não é fogo,
É branca, não é papel,
É verde não é capim. | 15. | Um lençol muito grande
Que não se pode dobrar,
Uma porção de dinheiro
Que não se pode contar
Um queijo muito duro
Que não se pode cortar. |
| 6. Uma fila de senhores
Muito bem assenhoreados,
Nunca saem à rua
E vivem sempre molhados. | 16. | São sete irmãos:
Cinco têm sobrenome,
Os outros, um nome só. |
| 7. Estando sempre quietas,
Estando sempre agitadas,
Dormindo de dia e de noite
Estão sempre acordadas. | 17. | Campo grande, gado miúdo
Boiadeiro bom, aboia tudo. |
| 8. Seis mortos espichados,
Cinco vivos passeando,
Enquanto os vivos passeiam
Os mortos estão falando. | 18. | Um palácio tem doze damas,
Cada dama tem quatro quartos,
Todas elas usam meias
E nenhuma usa sapato. |
| 9. Tem folhas e não é planta,
Tem lombo e anda de capa
O estudante que o abandona
Da nota má não escapa. | 19. | Antes já foi vivo,
Mas, agora está morto
Está com a boca aberta
Esperando o vivo entrar. |
| 10. É sobrenome de família,
É fruta boa de chupar,
De aço ou de ferro
Serve para polir ou raspar. | 20. | O que é, o que é;
Galinha no choco
Cachorro late. |

1. Fogo 2. coco.3.palma. 4. Manga. 5. Melancia. 6. Os dentes 7. as estrelas 8. Violão. 9 livro. 10. Lima. 11
11.tesoura. 12 jabotica. 13. Formiga. 14 pena. 15. Céu, estrelas e luas 16. semana. 17. Escrita no papel; 18 relógio. 19.sapato. 20 chocolate

PARLENDAS

HOJE É DOMINGO
PÉ DE CACHIMBO
CACHIMBO É DE OURO
BATE NO TOURO
TOURO É VALENTE
CHIFRA A GENTE
A GENTE É FRACO
CAI NO BURACO
O BURACO É FUNDO
ACABOU-SE O MUNDO.

- CADÊ O TOUCINHO
DAQUI?
- O GATO COMEU.
- CADÊ O GATO?
- FOI PRO MATO.
- CADÊ O MATO?
- O FOGO QUEIMOU.
- CADÊ O FOGO?
- A ÁGUA APAGOU.
- CADÊ A ÁGUA?
- O BOI BEBEU.
- CADÊ O BOI?
- TÁ CARREGANDO TRIGO.
- CADÊ O TRIGO?
- A GALINHA CISCOU.
- CADÊ A GALINHA?
- TÁ BOTANDO OVO.
- CADÊ O OVO?
- O FRADE BEBEU.
- CADÊ O FRADE?
- TÁ CELEBRANDO MISSA.
- CADÊ A MISSA?
- TÁ DENTRO DA IGREJA.
- CADÊ A IGREJA?
- TÁ CHEIA DE GENTE.
- CADÊ A GENTE?
- TÁ AQUI...
- TÁ AQUI...
- TÁ AQUI...

O MACACO FOI À FEIRA
NÃO SABIA O QUE COMPRAR

COMPROU UMA CADEIRA
PRA COMADRE SE SENTAR

A COMADRE SE SENTOU
A CADEIRA ESBORRACHOU
COITADA DA COMADRE
FOI PARAR NO CORREDOR.

ADÁGIOS/PROVÉRBIOS/DITOS POPULARES

LEONARDO MOTA, ADAGIÁRIO BRASILEIRO

Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo., 1987

A CAIXA MENOS CHEIA É A QUE MAIS CHOCALHA

A DESGRAÇA DO PAU VERDE
É TER O PAU SECO AO LADO:
VEM O FOGO, QUEIMA O SECO,
LÁ VAI O VERDE PRO QUEIMADO.

A GALINHA DA VIZINHA É MAIS GORDA QUE A MINHA

A GENTE CONTA O MILAGRE MAS NÃO DIZ O NOME DO SANTO

A FÊMEA É QUE FAZ O NINHO

A FAZENDA À MOSTRA DESBOTA

A FORTUNA É COMO O VIDRO: - TANTO BRILHA COMO QUEBRA

ÁGUA FRIA NÃO ESCALDA PIRÃO

ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA, TANTO BATE ATÉ QUE FURA

COM ÁGUAS PASSADAS NÃO MÓI O MOINHO

A MELHOR ESPIGA É PRO PIOR PORCO

A MENTIRA TEM PERNA CURTA

AMIGOS RECONCILIADOS, INIMIGOS DISFARÇADOS

AMIGO QUE NÃO VALHA E FACA QUE NÃO TALHA, NÃO ME DÁ MIGALHA

AMOR É BEXIGA SÓ DÁ NA GENTE UMA VEZ

AMOR É VENTO, VAI UM E VEM CENTO

AMOR NOVO TRATA-SE A OVOS BATIDOS

AMOR PRIMEIRO NÃO TEM COMPANHEIRO

A MORTE LEVA OS BONS E DEIXA OS RUINS

A MULHER E A GALINHA
NÃO SE DEIXA PASSEAR
A GALINHA OS OUTROS COMEM
A MULHER DÁ O QUE FALAR

MULHER DE IGREJA, DEUS NOS PROTEJA

MULHER E GALINHA SÃO BICHOS INTERERESSEIROS, GALINHA POR MILHO,
MULHER POR DINHEIRO.

HOMEM QUE MIJA SENTADO E MULHER QUE MIJA EM PÉ, LIBERA NÓS, DOMINÉ

LENGA-LENGAS/NONSENSES

*MEIO DIA, MACACO ASSOVIA
NA CASA DA TIA*

*MEIO DIA, PANELA NO FOGO
BARRIGA VAZIA*

*SEIS HORAS
MINHA BARRIGA CHORA.*

VIVIDO É, MAS NÃO SABE LÉ COM CRÉ.

BORDÃO DE PALHAÇO DE CIRCO

*- Como vai, como vai, vai vai?
-Eu vou bem, muito bem, bem, bem!*

*Como vai, vai bem?
Vai a pé ou vai de trem?*

*- Toque aqui (estendendo a mão)
- Ah, deixe que eu toco sozinho! (retirando a mão e imitando uma viola).*

PEGADINHAS E RÉPLICAS RIMADAS

QUEM VAI AO AR

PERDE O LUGAR.

QUEM VAI AO VENTO
PERDE O ASSENTO.

- VAMOS COMIGO?
- ONDE?
- COMER UMBIGO.

- TÔ DE MAL!
- TÁ DE MAL, COME SAL,
NA PANELA DE MINGAU
DEIXA UM POUCO PRO NATAL.

- TÁ COM FOME?
- ENGOLE UM HOMEM.

- TÁ COM FRIO?
- BATE A BUNDA NO RIO.

- TÁ COM CALOR?
- BATE A BUNDA NO TAMBOR.

- VOCÊ COME AMORA?
- SIM
- VOU CONTAR PRO SEU PAI QUE VOCÊ NAMORA.

- QUERIDA VAMOS LAMBER FERIDA?
- FERIDA NÃO ME SEDUZ! PREFIRO UM COPO DE PUS!

- O QUE VOCÊ TEM AQUI?(MOSTRA PERTO DO NARIZ)
- TIRA A MÃO DO BIGODE SEU BODE.

QUEM FOI PRA ROÇA
PERDEU A CARROÇA.

TODAS AS FRUTAS QUE EU FALAR, VOCÊ REPETE A FRUTA E A PALAVRA GUEI.

- MAÇÃ.
- MAÇÃ GUEI
- ABACAXI.
- ABACAXI GUEI.
- MORANGO.
- MORANGO GUEI.
- JACA.
- JACA GUEI.

O BEIJA FLOR

Quando apareceu na terra a primeira laranja, os passarinhos ficaram encantados com aquela fruta douradinha, redondinha e bonitinha. Fizeram medonha algazarra. Perguntavam-se uns aos outros o nome da fruta, e, aos mais velhos, se ela era ou não de comer.

Como nenhum soube responder, resolveram mandar o tico-tico ao céu a fim de perguntar a Nosso Senhor como se chamava aquela fruta e se eles podiam comê-la sem perigo. O tico-tico foi voando, voando... Chegou lá no céu, bateu na porta: toc-toc-toc. São Pedro veio abrir e perguntou: - Quem está ? - O tico-tico disse: - Sôs Cristo! - São Pedro respondeu: - Deus te abençoe. - E indagou: - Que é que queres ? O tico-tico, em vez de responder à pergunta, continuou: - Sôs Cristo! Sôs Cristo! - até Nosso Senhor mesmo responder: - Pra sempre, - e perguntar o que é ele queria. - Eu vim saber o nome daquela fruta cor de ouro, redondinha e bonitinha que apareceu lá na Terra, e se ela é de comer. - Nosso Senhor disse que a fruta se chamava laranja e que todos podiam comê-la. Mas que ele, tico-tico, para não esquecer o nome da fruta, devia vir pelo caminho abaixando a cabeça e cantando cada vez que ouvisse a trovoada roncar; cantando assim:

Ingerê
Como gambê
Como na chácara
Não há.
Ingerê,
Ingerê,
Crá-crá.

Abaixando a cabeça e cantando. E que tinha também de vir beijando todas as flores que encontrasse pelo caminho: "Zuum-bém, zuum-bém, zuum-bém..." Mas o tico-tico não abaixou a cabeça, nem cantou, quando ouviu a trovoada roncar, nem beijou as flores.

Quando ele veio chegando, os passarinhos foram se encontrar com ele e perguntaram o nome da fruta. Com ar de bôbo, ele não soube responder, nem o nome da fruta, nem nada. Quanto mais os outros passarinhos perguntavam, mais atrapalhado ele ficava com a algazarra; afinal, pousou no chão e veio vindo cambaleando e mancando.

Então os outros disseram: - Ora, o tico-tico é um bôbo. Vamos mandar ao céu o beija-flor. - (Nesse tempo o beija-flor ainda não tinha tal nome.) - Eles o chamaram assim: - Vem cá, amiguinho, vem cá; você que é tão vivo e tão ligeiro, vai saber de Nosso Senhor como é que chama aquela fruta e se ela é de comer. - O beija-flor foi. Chegou lá no céu e disse: - Sôs Cristo! - São Pedro veio abrir a porta: - Deus te abençoe. Quem está aí? - O beija-flor não teimou como o tico-tico; respondeu logo: - Sou eu que vim saber o nome daquela fruta cor de ouro, redondinha e bonitinha que apareceu lá na Terra, e se ela é de comer. O tico-tico esqueceu tudo. - São Pedro respondeu de novo e Nosso Senhor repetiu a recomendação: - Para você não esquecer a resposta, há de ir pelo caminho baixando a cabeça e cantando estes versos, cada vez que ouvir a trovoada roncar:

Ingerê
Como gambê
Como na chácara
Não há.
Ingerê,
Ingerê,
Crá-crá.

E disse também que ele devia beijar as flores que fosse encontrando: "Zuum-bém, zuum-bém, zuum-bém..."

O beija-flor tomou a bênção a Nosso Senhor e a São Pedro e veio vindo. Esperto, veio fazendo tudo direitinho, como lhe havia sido recomendado.

Quando os passarinhos avistaram o beija-flor lá longe, voaram ao seu encontro, rodearam-no, querendo cada um ser o primeiro a receber a notícia. Ele então disse que a fruta se chamava laranja e que todos podiam comê-la. Mal acabara de falar, já os passarinhos avançaram para as laranjeiras. E num instante as depenaram. Nem uma só laranja ficou no pé.

Quando acabaram de comer, gruparam-se de novo em torno do mensageiro, curiosos de saber como tinha sido a viagem ao céu. Então o beija-flor contou-lhes que quando chegou lá, São Pedro veio recebê-lo; e que Nosso Senhor lhe recomendara que baixasse a cabeça, cada vez que ouvisse a trovoadá roncar e assim cantasse:

*Ingerê
Como gambê
Como na chácara
Não há.
Ingerê,
Ingerê,
Crá-crá.*

E também que viesse pelo caminho beijando as flores que encontrasse: "Zuum-bém, zuum-bém, zuum-bém..." Contou tudo direitinho, tim-tim por tim-tim, como tinha sido. E foi daí que ele ficou se chamando o beija-flor.

A LENDA DO MILHO

Nos campos começaram a escassear os animais. Nos rios e nas lagoas, dificilmente se via a mancha prateada de um peixe. Nas matas já não havia frutas, nem por lá apareciam caças de grande porte: onças, capivaras, antas, veados ou tamanduás. No ar do entardecer, já não se ouvia o chamado dos macucos e dos jacus, pois as fruteiras tinham secado.

Os índios, que ainda não plantavam roças, estavam atravessando um período de penúria. Nas tabas, tinha desaparecido a alegria, causada pela abundância de outros tempos. Suas ocas não eram menos tristes. Os velhos, desconsolados, passavam o dia dormindo na esteira, à espera de que Tupã lhes mandasse um porungo de mel. As mulheres formavam roda no terreiro, e lamentavam a pobreza em que viviam. Os curumins cochilavam por ali, tristes, de barriga vazia. E os varões da tribo, não sabendo mais o que fazer, trocavam pernas pelas matas, onde já não armavam mais laços, mundéus e outras armadilhas. Armá-los para quê? Nos carreiros de caça, o tempo havia desmanchado os rastos, pois eles datavam de outras luas, de outros tempos mais felizes. E o sofrimento foi tal que, certa vez, numa clareira do bosque, dois índios amigos, da tribo dos Guaranis, resolveram recorrer ao poder de Nhadeyara, o grande espírito. Eles bem sabiam que o atendimento do seu pedido estava condicionado a um sacrifício. Mas que fazer? Preferiam arcar com tremendas responsabilidades a verem sua tribo e seus parentes morrerem de inanição, à míngua de recursos. Tomaram essa resolução e, a fim de esperar o que desejavam, se estenderam na relva esturricada. Veio a noite. Tudo caiu

num pesado silêncio, pois já não havia vozes de seres vivos. De repente, a dois passos de distância, surgiu-lhes pela frente um enviado de Nhandeyara.

- Que desejais do grande espírito ? – perguntou.

- Pedimos nova espécie de alimento, para nutrir a nós mesmos e a nossas famílias, pois a caça, a pesca e as frutas parece terem desaparecido da Terra.

- Está bem – respondeu o emissário. – Nhandeyara está disposto a atender ao vosso pedido. Mas para isso deveis lutar comigo, até que o mais fraco perca a vida.

Os dois índios aceitaram o ajuste e se atiraram ao emissário do grande espírito. Durante algum tempo só se ouvia o arquejar dos lutadores, o baque dos corpos atirados ao chão, o crepitar da areia solta atirada sobre as ervas próximas. Dali a pouco, o mais fraco dos dois ergueu os braços, apertou a cabeça entre as mãos e rolou na clareira... Estava morto. O amigo, penalizado, enterrou-o nas proximidades do local. Na primavera seguinte, como por encanto, na sepultura de Auaty (assim se chamava o índio) brotou uma linda planta de grandes folhas verdes e douradas espigas. Em homenagem a esse índio sacrificado em benefício da tribo, os Guaranis deram o nome de "auaty" ao milho, seu novo alimento.

A ÁRVORE DE TAMOROMU

O homem criou uma cutia. Enquanto ela era pequena não saía de casa. Mas depois de crescida começou a andar pelo mato. Lá encontrou uma árvore grande, carregada de frutos. Comeu no chão os frutos caídos da árvore. Ela, porém, só comeu os frutos que achou no chão porque não sabia trepar na árvore. O dono do animal perguntou: - Onde está a cutia ? – Ninguém soube responder-lhe, pois ninguém a tinha visto. Depois do meio-dia ela foi aparecendo. – Queres comer ? – perguntou o dono. – Não quero, estou com a barriga cheia – respondeu ela. E foi deitar-se na rede. À tarde, o dono tornou a perguntar: - Queres comer ? – E ela teimou: - Não quero, estou com a barriga cheia. – Ao clarear do dia, quando os homens se levantaram, viram que ela já tinha partido. Toda manhã era assim. Não comia em casa a comida que lhe era dada. Saía cedo e voltava ao meio-dia, deitando-se em sua rede. Então o dono da casa mandou o filho perguntar: - Onde vens ? Para onde vais ? Que é que tu comes lá ? – Nada! – respondeu ela. Adormeceu e falou:

- Bum! Amendoim! Bum! Banana-maçã! Bum! Banana-comprida! Bum! Mandioca! Bum! Cana! Bum! Banana-naja! Bum! Banana-cheirosa! Bum! Banana-grossa! Bum! Milho! Bum! Arroz! Bum! Feijão! Bum! Cará! Bum! Abóbora! Bum! Inhame! Bum! Melancia! Bum! Banana São Tomé branca! Bum! Banana São Tomé Roxa! Bum! Banana iaiá! Bum! Banana-sapo!

Ouvindo-a falar assim, o dono da cutia chamou a mulher, para que ela também ouvisse. Depois, recomendou aos filhos: - Acordai bem cedo, para verdes aonde é que ela vai. – As crianças acordaram antes de clarear o dia, quando a cutia ainda estava deitada. Viram-na levantar-se da rede e ir direitinho para o mato. Chamaram o pai, que saiu logo depois e foi encontrá-la comendo.

- É aqui que vens comer e não contas nada pra gente ? – perguntou ele.

Olhou para cima e viu os galhos arriados de tanta coisa. Um galho era de amendoim, outro de cana, outro de cará, outro de abóbora, outro de batata, outro de inhame, outro de melancia, outro de banana-maçã, outro de maniva, outro de banana-

comprida, outro de banana-naja, outro de banana-cheirosa, outro de banana São Tomé branca, outro de banana São Tomé roxa, outro de banana-grossa, outro de banana-iaia, outro de banana-sapo.

O homem viu aquilo, não pegou em nada e voltou. Chegando em casa, contou à mulher que vira a árvore carregada de frutos. Chamou os parentes e vizinhos. E todos correram para a casa do dono da cutia. Sabendo da descoberta, amolaram os machado e disseram: - Vamos derrubar a árvore para tirar sementes! - E foram. Chegando lá, puseram a derrubá-la. Ao meio-dia, ela caiu. Colheram os frutos e depois de colhê-los voltaram para casa. Plantaram todas as sementes. As águas do rio cobriram o toco da árvore e tudo desapareceu. Tominikare veio e disse aos homens:

- Por que derrubastes a árvore de Tamoromu ? Agora, para comerdes, tendes de trabalhar de sol a sol.

LENDA ACÊRCA DA VELHA GULOSA (CEIUCI)

Contam que um moço estava pescando peixe, de cima de um mutá. A velha gulosa veio pescando com tarrafa pelo igarapé. Ela avistou no fundo a sombra do moço e cobriu com a rede; não apanhou o moço. O moço quando viu aquilo, riu-se de cima do mutá.

A velha gulosa disse:

- Aí é que estás ? Desce para o chão, meu neto.

O moço respondeu:

- Eu não.

A velha disse:

- Olha que eu mandarei lá maribondos!

Ela os mandou. O moço quebrou o pequeno ramo e matou os maribondos.

A velha disse:

- Desce, meu neto; senão eu mando tocandiras!

O moço não desceu; ela mandou tocandiras; estas o puseram n'água; a velha jogou a tarrafa sobre ele, envolvendo-o perfeitamente e o levou para sua casa. Quando lá chegou, deixou o moço no terreiro e foi fazer lenha.

Atrás dela veio a filha e disse-lhe:

- Esta minha mãe, quando vem da caçada, conta qual é a caça que ela matou; hoje não contou... Deixa-me olhar ainda o que é. - Então desembulhou a rede e viu o moço.

O moço disse-lhe:

- Esconde-me.

A moça escondeu-o; untou um pilão com cera, embrulhou-o com a tarrafa e deitou-o no mesmo lugar.

Então a velha saiu do mato e acendeu o fogo debaixo do muquém. Esquentando-se o pilão, a cera derreteu-se; a velha aparou. O fogo queimou a tarrafa; apareceu o pilão. Então a velha disse a sua filha:

- Se tu não mostrares a minha caça, eu te matarei!

A moça ficou com medo, mandou o moço cortar palmas de naçaby para fazer cestos, para estes cestos se virarem todos em animais. A velha foi atrás; quando chegou, o moço mandou os cestos virarem-se em antas, veados, porcos, em todas as caças; viraram-se. A velha gulosa comeu todos.

Quando o moço viu a comida pouca, fugiu; fêz um matapi, onde caiu muito peixe.

Quando a velha chegou ali, entrou dentro do matapi.

O moço espantou uma pinta de marajá.

A velha estava comendo peixe, quando ele a feriu e fugiu. A moça disse a ele:

- Quando tu ouvires um pássaro cantar can-can, can-can, can-can, é minha mãe, que não está longe para pegar você.

O moço, andou, andou, andou.

Quando ele ouviu can-can, correu, chegou onde os macacos estavam fazendo mel e disse-lhes:

- Escondam-me, macacos!

Os macacos meteram-no dentro de um pote vazio. A velha veio, não encontrou o moço e passou para diante. Depois, os macacos mandaram o moço ir-se embora.

O moço, andou, andou, andou. Ouviu: can-can, can-can, can-can. Ele chegou à casa do surucucu e pediu-lhe que o escondesse. O surucucu escondeu-o. A velha chegou, não o encontrou, foi-se.

De tarde o moço ouviu o surucucu, que estava conversando com sua mulher para fazerem um muquém para eles comerem o moço.

Quando eles estava fazendo o muquém, um makanan cantou. O moço disse:

- Ah, meu avô makanan, deixe que eu fale com você.

O makanan ouviu, veio e perguntou:

- Que é, meu neto ?

O moço respondeu:

- Há dois surucucus que me querem comer.

O makanan perguntou:

- Quantos esconderijos eles tinham ?

O moço respondeu:

- Um somente.

O makanan comeu os dois surucucus.

O moço passou para a banda do campo, encontrou-se com um tuiuíú, que estava pescando peixe, que estava pondo em um uaturá. O moço pediu a ele que o levasse. Quando o tuiuíú acabou de pescar, mandou o moço pular para o uaturá, voou com ele, pô-lo sobre um grande galho de árvore, não pôde levá-lo adiante. De cima o moço viu uma casa; desceu e foi. Chegou à beira da roça e ouviu que uma mulher estava ralhando com uma cutia para não comer sua mandioca.

A mulher levou o moço para sua casa; quando lá chegou, ela lhe perguntou donde é que vinha. O moço narrou todas as coisas; como ele estava esperando peixe, na margem do igarapé, veio a velha gulosa, levou-o para sua casa, quando ele ainda era menino. Agora já estava velho, branca a sua cabeça. A mulher lembrou-se dele e conheceu que era seu filho. O moço entrou na sua casa.

A FESTA NO CÉU

(entre todas as aves espalhou-se a notícia de uma festa no céu)

Todas as aves compareceriam e começaram a fazer inveja aos animais e outros bichos da terra incapazes de vôo.

Imaginem quem foi dizer que ia também à festa... O sapo! Logo ele, pesadão e nem sabendo dar uma carreira, seria capaz de aparecer naquelas alturas. Pois o sapo disse que tinha sido convidado e que ia sem dúvida nenhuma. Os bichos só faltaram morrer de rir. Os pássaros, então, nem se fala.

O sapo tinha seu plano. Na véspera, procurou o urubu e deu uma prosa boa, divertindo muito o dono da casa. Depois disse:

- Bem, camarada urubu, quem é coxo parte cedo e eu vou indo porque o caminho é comprido.

O urubu respondeu:

- Você vai mesmo ?

- Se vou ? Até lá sem falta!

Em vez de sair, o sapo deu uma volta, entrou na camarinha do urubu e vendo a viola em cima da cama, meteu-se dentro, encolhendo-se todo.

O urubu, mais tarde, pegou na viola, amarrou-a a tiracolo e bateu asas para o céu, rru-rru-rru...

Chegando ao céu o urubu arriou a viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo botou um olho de fora e, vendo que estava sozinho, deu um pulo e ganhou a rua, todo satisfeito.

Nem queiram saber o espanto que as aves tiveram vendo o sapo pulando no céu! Perguntaram, perguntaram, mas o sapo só fazia conversa mole. A festa começou e o sapo tomou parte de-grande. Pela madrugada, sabendo que só podia voltar do mesmo jeito da vinda, mestre sapo foi se esgueirando e correu para onde o urubu havia se hospedado. Procurou a viola e acomodou-se como da outra feita.

O sol saindo, acabou-se a festa e os convidados foram voando, cada um no seu destino. O urubu agarrou a viola e tocou-se para a terra, rru-rru-rru...

Ia pelo meio do caminho quando, numa curva, o sapo mexeu-se e o urubu, espiando para dentro do instrumento, viu o bicho lá no escuro, todo curvado, feito uma bola.

- Ah! camarada sapo! É assim que você vai à festa no céu ? Deixe de ser confiado...

E naquelas lonjuras emborcou a viola. O sapo despencou-se para baixo que vinha zunindo. E dizia, na queda:

- *Béu-béu*
Se eu desta escapar
Nunca mais bodas ao céu...!

E vendo as serras lá embaixo:

- Arreda, pedras, senão eu te rebento!

Bateu em cima das pedras como um jenipapo, espapaçando-se todo. Ficou em pedaços. Nossa Senhora, com pena do sapo, juntou todos os pedaços e o sapo envivesceu de novo.

Por isso o sapo tem o couro todo cheio de remendos.

O CÁGADO E A FRUTA

Era um tempo de muita fome. Então apareceu uma árvore cobertinha de frutas maduras. Mas os bichos, como não sabiam o seu nome, não queriam ir comê-las. Reuniram-se todos e disseram que era preciso um deles ir ao céu, para Nosso Senhor dizer como se chamava a fruta. Foi um deles ao céu e Nosso Senhor ensinou o nome da fruta. O bicho, para não esquecer, veio cantando o nome:

- *Mussá, mussá, mussá,*
Mussangambira, mussauê.

No caminho morava uma velha feiticeira. Quando o bicho passou pela porta da velha, perguntou-lhe ela o que andava fazendo e o bicho conto-lhe o que se passava. A velha, de má que era, saiu na frente dele, cantando:

- *Munga, selenga, ingambela,*
Vina, quivina, vininim...

O bicho atrapalhou-se e esqueceu o nome da fruta. Lá se foi outro perguntar de novo a Nosso Senhor o tal nome. O mesmo que se deu com o primeiro, deu-se com esse e, por fim, com outros muitos que foram ao céu, no mencionado propósito: a velha

atrapalhava-os com a cantiga, fazendo-os esquecer o nome da fruta. Afinal de contas, foi o cágado. Nosso Senhor ensinou-lhe o nome da fruta e ele voltou devagar, cantando:

- *Mussá, mussá, mussá,
Mussangambira, mussauê.*

Quando foi passando pela porta da feiticeira, esta foi saindo e perguntado, como de costume:

- Aonde vai, cágado ?

E o cágado só cantando a sua cantiga, bem de seu, sem se importar com a velha. Tornou a mulher:

- Aonde vai, cágado ?

O cágado só cantando. A velha saiu na frente dele:

- *Munga, selenga, ingambela,
Vina, quivina, vininim...*

Mas o cágado nem como coisa. Nada de se atrapalhar, no seu rojão, cantando o nome da fruta. A velha danou-se. Agarrou-o e atirou-o de costas no chão, com toda a força. O cágado virou-se dizendo:

- *Arre! Pula!
Cercê, bizê.*

E continuou o seu caminho, sem se esquecer do nome da fruta. Depois de lhe dar muitas quedas, vendo que nada arranjava, a velha foi-se embora, fumando de raiva. O cágado chegou onde estavam os bichos e disse-lhes o nome da fruta. Eles, muito contentes, agradeceram ao cágado o grande favor que lhes prestava; mas o pobre ficou com o casco todo arreventado das quedas que a velha feiticeira lhe deu, como até hoje se vê.

Causos **(do Festival do Folclore de Olímpia)**

A COBRA ENCANTADA

"Era uma vez uma mocinha muito prestimosa que vivia em companhia de sua mãe. Desde menina, ela aprendeu a fazer crochê. Depois de fazer todos os trabalhos da casa, o que ela mais gostava era cuidar de crochê.

O tempo foi-se passando. Um dia ela principiou uma colcha de crochê e levou um ano inteirinho para acabar. Era um trabalho maravilhoso com todas as cores de linha, formando desenhos muito bonitos. Sua mãe sempre dizia:

- Você só pensa em trabalhar, não namora. Vai acabar ficando solteirona. Você não vai casar. Ela, de tanto ouvir a conversa de sua mãe, ficou muito aborrecida, e acabou por dar esta resposta:

- Eu me caso nem que seja com urna semente.

Numa manhã, apanhou sua linda colcha colorida de crochê e saiu para ir mostrar ela para uma amiga, mas ao passar sobre a ponte de um rio, ela avistou unia cobra enorme, toda enrolada, perto de um barro muito escuro.

Ela parou, olhou bem para a monstruosa serpente e perguntou:

- Você quer casar comigo?

- Quero! Foi a resposta da cobra, A moça, então, disse:

-Esta aqui é a coberta do nosso casamento e jogou a colcha de crochê sobre a cobra. A cobra enrolou-se toda na colcha e fez muitos movimentos no barro, sujando-se todinha. E depois ela falou pra moça que dentro de sete dias elas iam se casar. Que a moça ficasse preparada para o casamento.

Passados os sete dias, a moça foi à igreja para rezar um pouco e não demorou muito apareceu lá a monstruosa cobra, ainda enrolada na colcha de crochê. E, naquele instante, elas se casaram.

E em poucas horas, prepararam uma festa onde havia tudo para comer e be-ber. Até um baile foi feito pr'os amigos se divertirem.

Quando estava pra bater meia-noite, a horrenda cobra pediu pra noiva que levasse ela pr'o quarto, que estava na hora de ela ir dormir. A noiva acompanhou ela até o quarto, retirou o cobertor da cama e a cobra se jogou toda enrolada, no meio da cama. A noiva fechou a porta, deixou a cobra sozinha e voltou para o salão onde era o baile, para dar melhor atenção pr'as suas amigas. Já bem de madrugada, quando os galos estavam cantando, a noiva sentiu sono e foi pr'o quarto pra dormir. Quando ela abriu a porta do quarto, pra entrar, e tornou a fechar para ir dormir, teve uma surpresa maravilhosa. A cobra tinha se transformado num belo príncipe muito rico e forte. A noiva quase morreu de tanta alegria. A notícia se espalhou por toda a cidade. Então, uma outra moça, solteirona também quis fazer o mesmo que a amiga fez pra ver se casava, mas se casava com um príncipe. Fez tudo igualzinho ao que a amiga fez. Só que a cobra que ela arranjou em urna verdadeira jararaca.

Casaram-se. A cobra foi também colocada no centro da cama, à meia-noite. Enfim, a coisa se repetiu tal como no caso primeiro.

Mas, quando a noiva foi para a cama, na esperança de que seu noivo-cobra se transformasse em lindo príncipe, a traiçoeira serpente, venenosa, picou todinha ela, que ela amanheceu morta.

Um dois três,
Feijão japonês,
Se gostaram da estória
Eu conto outra vez".

***(Narrada por Maria da Conceição Basto, 1983,
Olímpia.)***

CONFISSÃO REVELADA

"Certa vez, numa cidade pequena, não muito distante daqui, havia um senhor pobre, trabalhador, honesto, mas era meio abobalhado.

Numa certa ocasião, este senhor passou por uma situação difícil, ficou adoentado e não podia trabalhar. Tinha muitos filhos pequenos e ele não sabia o que fazer.

Ficou matutando dia e noite, como comprar comida pra família.

Depois de muito pensar, teve uma idéia. Na cidade tinha um senhor dono a de um porco, já muito gordo, e com este porco ele resolveria parte do seu problema. Com muito cuidado, roubou o porco, nas altas horas da noite.

No dia seguinte, em pouco tempo, a notícia se espalhou de casa em casa.

Até o padre se interessou muito em descobrir o ladrão. Procuraram por todos os lados, mas ninguém chegou a desconfiar daquele senhor abobalhado, porque sua fama era de homem bom, trabalhador e honesto.

O tempo foi correndo e logo o caso do roubo ficou esquecido.

Mas acontece, que o ladrão do porco, por ser realmente uma pessoa honesta, não teve mais sossego.

Aí, perdeu o sono de uma vez, e também o apetite, não comia nem dormia. Tinha medo de não ser salvo e muito arrependimento de ter roubado o porco de um senhor pobre também. Pensou até em comprar um outro porco para por no chiqueiro de onde ele furtou o outro. Fez muitos planos. Mas tinha medo de ser descoberto o crime.

Depois que não tinha outro jeito, resolveu ir à igreja e confessar o crime ao padre.

O padre parecia ser muito simpático, o tinha boa prosa, risonho, e chamava muito a atenção pela cor dos olhos. Eram tão azuis que chegavam a brilhar muito.

Então, o ladrão abobalhado, com muito medo e desconfiança, falou ao padre que desejava confessar. O padre, muito meigo, com um tom de voz paternal, disse:

- Está bem, meu filho. Hoje você comparece um pouco antes da missa das sete da noite e vá ao confessionário. Lá eu atenderei você.

Na hora exata o pobre coitado compareceu, mas antes de contar o pecado que estava acabando com ele, pediu muito sigilo. O medo dele era tanto que pedia o segredo em nome de Deus.

O padre, com muita calma, lhe disse: - Não tem que pedir segredo nenhum. Tudo o que a gente ouve na confissão não pode ser contado pra ninguém. Todo mundo erra. Eu também fui um errante. Pode me contar, sem medo. o que foi que você andou fazendo de errado.

- Mas, seu padre, o senhor não conta mesmo pra ninguém.

- Já lhe disse, meu filho.

Então, o homem falou, baixinho, entre soluços.

- Seu padre, quem roubou aquele porco, aqui na cidade. fui eu. E contou a história inteirinha.

O padre, muito surpreso, e com cara de detetive disse ao pobre cristão:

- Roubar é pecado. É crime. Mas se a pessoa estiver arrependida, pode ser que Deus perdoa. Para ajudar você, eu vou dar corno penitência, assistir missa todos os dias que houver e rezar 10 Pai-nossos e 10 Ave-marias por dia. Vai, meu filho, e cumpra essa penitência.

O homem levantou dali quase aliviado, fez o sinal da cruz, e foi sentar no banco da igreja, para esperar a hora da missa.

Na missa, durante a hora do sermão, o padre falou sobre roubo e que ladrão não podia entrar no céu. Relembrou o caso do porco que foi roubado e, sem citar nome, disse que o ladrão estava presente na missa. E, ainda hoje, antes da missa, durante a confissão ele me declarou a roubo.

O coitado do confesso, na hora, apesar de meio bobo, mas um tanto inteligente, e ao mesmo tempo revoltado com o sacerdote que não cumpriu o prometido, saltou feito um corisco do banco e ficou juntinho do padre, tomou-lhe o microfone e disse assim:

- Meus irmãos, durante a confissão, o padre me disse que todas as crianças de olhos azuis que nasceram nesta cidade são filhos dele.

Aí virou uma situação terrível. O povo se revoltou e, mesmo dentro da igreja, deu uma surra violenta no padre".

**(Contado por Maria da Conceição, 1983,
Olímpia)**

DEUS HÁ DE DAR

"Era uma vez um casal de portugueses, muito pobre. Vivia numa casa em ruína. quase caindo. A mulher andava desesperada. Não tinha dinheiro nem pra comprar comida. O marido era vagabundo e conformado. Não dava importância a nada. A mulher

ralhava com ele, mandava trabalhar, mas não adiantava. Entrava por um ouvido e saía pelo outro.

O homem passava o dia inteiro no quarto, sentado na cama, tocando viola e cantando:

Deus há de dar,

Deus há de dar.

Só cantava assim. A música não tinha nem uma outra palavra.

A mulher puxava os cabelos e dizia para ele: Vai trabalhar, homem de Deus. Nós vamos morrer na miséria. Não temos um grão de arroz para a comida.

Ele nem ouvia o que ela estava dizendo. Era só Deus há de dar.

Um dia, passou lá no ranchinho um compadre do casal, para fazer uma visita.

A mulher reclamou tanto, que ele prometeu dar um jeito na situação.

- Pode deixar, comadre. Eu vou endireitar o compadre.

Saiu de lá, foi a um mato à procura de uma caixa de maribondos. Encontrou uma caixa enorme de maribondos bravos, venenosos. No dia seguinte, logo de manhã, voltou ao mato, cortou a enorme caixa dos maribondos, colocou, com muito jeito, num saco e foi para o rancho do compadre preguiçoso.

Como de costume, ele estava no quarto, sobre a cama, cantando a mesma lengalenga:

- Deus há de dar,

Deus há de dar.

Subiu, silenciosamente, sobre o telhado, retirou uma das temas do quarto, abriu a boca do saco e despejou a caixa dos bichinhos bem direto sobre o compadre e sua cantoria.

Mas que mudança enorme aconteceu. Em vez de cair maribondos, caiu foi uma chuva de libras esterlinas.

O marido chamou a mulher e disse: -Não te falo sempre que Deus dará? Olha só que maravilha. Agora estamos ricos.

A notícia logo se espalhou.

O compadre, responsável pela arte de tornar o vagabundo num milionário, quando soube do acontecimento, não resistiu à inveja.

Chamou a mulher e disse que iria comprar uma viola e largar de trabalhar. Ficaria o dia inteirinho no quarto tocando a viola e cantando a ladainha: Deus há de dar. E que a mulher ralhasse com ele para ir trabalhar. Pediu também que ela combinasse com um dos compadres para fazer a mesma coisa: Procurar uma caixa de maribondos e atirar sobre ele enquanto tocasse viola e cantasse.

A mulher fez o que o marido mandou.

Quando o compadre retirou a telha e jogou a caixa de maribondos, o homem quase chegou à loucura. Foi picado em todas as partes. Ficou tão inchado que parecia dois. Quase morreu. A solução foi ser internado numa Casa de Saúde".

(Contado por Maria da Conceição Basso, 1983, Olímpia)

O MORTO RESSUSCITADO

"Era uma vez um casal que veio de Portugal para morar no Brasil. O homem procurou fazer alguns serviços, mas nenhum dava certo. Foi carpinteiro, marceneiro, sapateiro, dono de mercadinho, mas ele só ia de ponta cabeça. Não dava conta nem de pagar o padeiro.

Ficou tão nervoso e caiu no desespero. Recebia cobrança todas as horas do dia.

Sem muita coragem pra enfrentar a situação, ele astuciou um plano. Queria morrer. Só assim ele poderia ter paz.

No dia seguinte, em vez de se levantar, ficou na cama, dizendo estar muito doente e que não tinha força nem pra ficar sentado. Perdeu, por completo, o apetite. E gemia sem parar, dizendo:

- Ai, meu Deus, eu vou morrer. Durante uns três dias, ele gemeu, sem parar e, na tardinha do terceiro dia, ele se fingiu de morto.

A mulher aprontou uma enorme confusão. Falava e chorava ao mesmo tempo:

- Ai, Jesus! O que eu vou fazer agora? Ai, minha Santa Maria! Meu marido morreu. O que será de mim? Com os gritos da viúva, o vilarejo todo, em poucos minutos, ficou sabendo da morte do português.

E começaram as visitas de conforto à viúva. E muita gente dizia:

- Coitado do compadre! Morreu tão novo. Coitada da comadre! Ficou tão sozinha.

Outros repetiam:

- Este é o fim de todos nós. Quem não morre cedo, de velho não passa.

E a comadre chorava de fazer dó, a cada visita que chegava.

Em certa hora da noite, começaram a chegar as pessoas a quem o compadre estava devendo.

Chegavam com o semblante de muito tristes, ajoelhavam aos pés do morto, se benziavam, dizendo Pai, Filho e Espírito Santo. E depois falavam, para a comadre:

- Pobre compadre, morreu e estava me devendo, mas eu vou perdoar a dívida. Deus que o tenha num bom lugar.

O compadre, sobre a mesa, coberto com lençol branco, reconhecia a voz do credor e dizia consigo: Desta dívida eu estou livre. Louvado seja Deus!

E assim, ora um, ora outro, ele recebeu a visita de todos a quem estava devendo. E tinha uma vontade de respirar aliviado, mas infelizmente, nem podia suspirar baixinho.

Bem de madrugada, os visitantes estavam cansados e com muito sono e foram dormir, para depois acompanharem o enterro. E o defunto ficou na sala somente com a esposa.

E vendo-se só com a mulher, jogou o lençol pra bem longe, sentou-se na mesa e disse:

- Ressuscitei! Agora estou livre de todas as minhas dívidas. Ganhei coragem pra começar

tudo novamente. E nenhum dos que me perdoaram não pode mais querer me cobrar. Eles me perdoaram publicamente e em nome de Deus. Por isso, viva a vida! E se levantou todo animado".

(Contado por Maria da Conceição Basso, 1983, Olímpia.)

A PRINCESA ENCANTADA

"Era uma vez um rei que tinha uma filha muito finda, inteligente e tam-bém muito esquisita. Ela era encantada, mas o rei não sabia. No palácio, ela ficava muito pouco durante o dia. A noite ela nunca era encontrada no palácio. No quarto da princesa tinha urna caixinha de segredo e dentro dela linha um capetinha. Quando a moça ficava no quarto, ele ficava dentro da caixinha. Quando a moça saía, ele acompanhava ela, grudado no peito da moça.

Em qualquer situação difícil, a princesa falava as palavras zibilique, zibiloque e, na hora, o capetinha atendia ela.

Todos os dias ela ia participar de uma reunião no Inferno e, para não ser vista, ia de bota de ferro, carapuça e o capetinha grudado no peito. E, para ir ao Inferno, ela tinha que atravessar quatro rios: do Peixe, do Leite, do Sangue e da Água. Para passar os rios, ela ficava invisível. Falava:

- Zibilique, zibiloque!

O capetinha punha a mão no peito da princesa e dizia:

- Pronto, senhora.

Ela dizia:

- Está na hora da grande concentração. E seguia em direção ao Inferno. Em cada ponte, para passar, a princesa dizia: - Bota, bota, carapuça, carapuça, me escondem e dêem passagem a uma pobre criatura.

Chegando no Inferno, ela castigava as almas penadas, depois ia banquetear com os capetas. Durante o tempo que comia, grande parte das migalhas de comida que caía, ficava dentro das botas dela.

Ali ela ficava até quase o dia amanhecer. Aí ela dizia:

-Zibilique, zibiloque!

E já o capetinha, com a mão no peito dela, dizia:

- Pronto, senhora. E, pra voltar pra casa, passava nos mesmos rios, sempre pedindo licença e pedindo proteção das botas e da carapuça, para não ser vista e para atravessar sem perigo.

Chegando no palácio, a diabinho ia pra dentro da caixinha de segredo e ela voltava a ser princesa.

E assim ela levava essa vida. De dia, no palácio. À noite, no Inferno. Misteriosa e protegida por um diabinho que acompanhava, ela aprontava os maiores males.

O pai já andava desconfiado da filha e procurou descobrir o que estava se passando com ela. E começou a sondar.

Um dia, sem que ela percebesse, o rei entrou no quarto e viu aquela caixinha de segredo presa na parede e, numa papeleta afixada logo abaixo, estava escrito: zibilique, zibiloque!

O rei leu em voz alta aquelas palavras.

Mal pronunciou, o diabinho falou:

- Pronto, senhor.

O rei caiu desmaiado. Quando voltou em si, ele perguntou pra princesa:

- Aonde você vai todos as noites que acaba com um par de botas de ferro por dia?

Então ela não pôde esconder mais nada ao pai. E ele descobriu que a filha era uma diaba. Ele era um rei cristão.

Então para eliminar aquele mal, o rei mandou fazer uma fogueira e nela queimou a princesa encantada e aquela caixinha de segredo que guardava o diabinho. Foi um cheiro de enxofre terrível. A alma da princesa foi direto pr' o Inferno.

Contado por Nair de Lima, 1990, Olímpia)

O TATUZINHO ENCANTADO

"Tinha um rei e uma rainha que queriam ter um filho. Já fazia bom tempo que eles eram casados e não tinham nenhum herdeiro. Então a rainha fez uma promessa de que se ela tivesse um filho, daria, todos os meses, comida pr'os pobres daquela cidade.

Ela foi ouvida. Nasceu um menino bonito, forte. A rainha ficou num contentamento sem fim. Mas como ela era muito egoísta, não queria que o filho viesse um dia a se casar. Então, antes que o rei fosse ver o menino, ela deu uma beberagem pra ele, e ele se transformou num tatuzinho. Esse remédio milagroso ela tinha aprendido com unia feiticeira.

Quando o rei foi ver o filho, ela disse: - Você não se assuste. Ele nasceu como um tatuzinho.

O rei ficou muito aborrecido, mas aceitou o bichinho como seu filho. Então ele era o Príncipe Tatuzinho. Durante o dia, passava o tempo todo no quintal e nas roças, cavando buracos, fazendo tocas e, à noite, voltava pr'o palácio.

Apesar de ser um bicho, o quarto dele em o cômodo mais luxuoso do palácio.

Depois de passados vinte anos, a rainha ainda não tinha pago a promessa de dar comida aos pobres, todos os meses, então o tatuzinho ficou dividido em gente e em homem. De dia, era um tatu. De noite, um moço muito lindo. Ninguém, no palácio, ficou sabendo disto.

Um dia, o tatuzinho estava abrindo toca num barranco de estrada, por onde estava passando uma peregrina, moça nova, muito bonita e inteligente.

O tatuzinho, muito interessado nela, parou de cavar, olhou pra ela e disse:

- Vamos pra minha casa?

A moça, com muita delicadeza, falou:

- Como eu posso ir na sua casa? Você não é gente. É um tatuzinho bonitinho, mais nada.

Mas o tatuzinho insistiu, insistiu, insistiu até que ela acabou aceitando o convite.

Então o tatu filou pra ela:

- Monta nas minhas costas e fecha os olhos. Só abre os olhos quando eu mandar você abrir.

A moça montou nas costas dele e ele foi direto pr'o palácio. Era hora do almoço, um banquetão. O tatuzinho apresentou a moça como noiva dele e ela já foi pra mesa pra almoçar. Ele almoçou em pé sobre a mesa. Acabou de almoçar e voltou pra roça.

A rainha, depois do almoço, levou a peregrina para o quarto do Príncipe Tatuzinho e disse:

- Este quarto é o seu também. Vocês vão ficar dormindo aqui.

À tarde, o tatuzinho voltou, jantou subido na mesa e depois ainda foi dar umas voltas pelo mato.

À noite, o tatuzinho ia para o quarto do palácio e ia deitar-se com a peregrina. Subia na cama como tatu, mas no esticar o corpo virara um moço de muita beleza.

Ele recomendou muito pra peregrina não cogitar isso pra ninguém. Isto é o castigo que a mãe estava levando, que não pagou a promessa. Ela queria que ele só fosse tatu. Passados três dias, o tatuzinho falou com os pais que queria se casar com a peregrina. Eles acharam aquilo um absurdo. Mas ele implorou demais e o casamento acabou acontecendo.

Mas a vida dele continuou do mesmo jeito no palácio.

Depois de certo tempo, a peregrina, teve um filho tão perfeito e tão bonito. Para ela, foi a coisa mais abençoada que Deus lhe concedeu.

Então, todos os dias, a peregrina levava o filhinho para o rei e a rainha vê-lo. O rei achou aquilo impossível. O príncipe era um tatu. Chegou até a desconfiar da nora. Mas gostou muito da criança. A rainha sabia que o filho a um tatu encantado.

O rei então se preocupou muito em descobrir aquele mistério. No palácio tinha três criadas, duas perfeitas e outra com um olho só na testa. O rei chamou as três e disse: - Quero que vocês descubram o mistério do nascimento dessa criança. Vocês, hoje à noite, entrem no quarto e escondam atrás da porta. Se descobrirem, ganharão uma boa recompensa pelo trabalho. A rainha ouviu a conversa do rei com as criadas, e para que elas nada descobrissem, deu um copo de beberagem para cada uma. As duas criadas perfeitas beberam aquela água misteriosa, mas a que tinha um olho só na testa, fez que bebeu e jogou fora. E as três foram se esconder atrás da porta do quarto, antes que o tatuzinho chegasse. As duas que tomaram a beberagem, adormeceram, mas a de um só olho, não. Logo depois, o tatuzinho entrou, foi para a cama, esticou o corpo e se

transformou naquele moço maravilhoso. Aí ele se levantou, apanhou o filhinho nos braços e embalando a criança disse:

- Filho, com bacia de ouro te lavarei,
Com toalha de prata te enxugarei,
Se o galo não cantasse,
O cachorro não latisse,
O boi não berrasse,
Muitas coisas eu seria.

A moça de uni só olho na testa foi depressa contar pr'o rei tudo o que ela tinha visto.

No dia seguinte o rei foi sondar e comprovou toda a verdade. E falou:

- Este meu filho não pode mais ser tatuzinho durante o dia. Ele tem que ser gente a toda hora. E saiu.

Aquela moça que tinha um olho só, falou pra peregrina, bem baixinho:

- Quando ele virar tatu, você acende um vela e alumia bem perto dos olhos dele, pra ver se ele não tem traços de gente.

A peregrina, quando viu o marido ganhando forma de tatu, para poder sair do quarto, não agüentou a curiosidade e acendeu uma vela, pra enxergar melhor, se ele como tatu tinha algum traço de gente. Levou a vela bem perto do rosto dele e foi nesse momento que caiu um pingo de vela no focinho dele.

Ele voltou, na mesma hora, a ser gente, e disse:

- Você quebrou o meu encanto. Agora eu vou ter que sair daqui e desaparecer pra um lugar muito distante. Eu vou deixar esta bengala de ferro e só quando ela estiver bem gasta é possível que você me encontre. Vou para o Palácio dos Desencantados. Disse isso e desapareceu.

A peregrina ficou chorando, desesperada, pensando no que ela tinha que fazer para encontrar o marido.

Entregou o filho para a rainha, a avó do menino. Fez muita recomendação para cuidar dele e saiu pro mundo, com aquela bengala.

Ela já estava com muita saudade do marido.

Saiu perguntando pra um, pra outro, até que encontrou uma velhinha que disse que talvez a Lua pudesse saber onde era o tal Palácio dos Desencantados.

Ela foi para a casa da Lua. Foi recebida por uma senhora muito velha e ela contou a história.

A velha respondeu:

- Minha filha, é muito perigoso você ficar aqui.

A minha filha é muito nervosa. Quando ela é chamada fora de hora, ela vem clareando tudo quanto é coisa. Deixa a pessoa cega. Então você se esconde atrás da porta.

A Lua chegou dando aquele escarcéu, dizendo.

-Mamãe, que cheiro é este de carne humana?

- Minha filha, é um frango que estou preparando para o seu almoço.

Então ela se acalmou. Aí a velha disse que lá estava uma mulher à procura do marido.

A lua disse que queria ver ela. Ela contou a história. E ela explicou.

- Só se você for à casa do Sol. Pode ser que ele saiba.

A peregrina foi procurar o Sol. Foi atendida por uma senhora idosa, mãe do Sol. A velha recomendou que ela ficasse atrás da porta, porque quando o Sol chegasse, vinha queimando tudo que encontrava.

O Sol atendeu o chamado da mãe, mas chegou furioso, dizendo:

- Mamãe, aqui está um cheiro de carne humana.

- Não meu filho, é que eu matei um frango para seu almoço.

Então o Sol ficou mais calmo. Daí, a mãe contou a história da moça.

- Então, mamãe, chame essa coitada.

A peregrina foi atender o Sol e ele explicou pra ela:

- Eu não sei onde é o Palácio dos Desencantados. Quem deve saber é o Vento, porque ele entra em tudo quanto é lugar.

A peregrina agradeceu e foi à procura do Vento. Já fazia mais de quinze anos que ela estava levando essa vida. A bengalinha já estava quase quebrando, de tanto que a peregrina se apoiou nela.

Chegou na casa do Vento e foi recebida por uma velhinha. A mulher já foi dizendo:

- Minha filha, meu filho não gosta de receber ninguém aqui em casa. Quando ele chega, ele derruba tudo o que encontra joga para muito longe. Então você se esconda atrás da porta.

O vento chegou, bufando de cansado, e dizendo pra mãe:

- Mamãe, que cheiro de carne humana!

A mãe respondeu:

- É cheiro de carne de frango, que eu estou preparando para o seu almoço.

O Vento então se acalmou. A mãe contou a história da peregrina que estava lá e o Vento quis conversar com ela.

Depois de ouvir a história, o Vento disse:

- Eu sei onde é o Palácio dos Desencantados. E vou levar você lá agora. Eu conheço o príncipe que você está procurando. Vejo ele todos os dias.

Você agarra bem nos meus bicos, não solte as mãos de jeito nenhum e fecha bem os olhos.

Não demorou nada, já chegou no Palácio dos Desencantados.

O Príncipe estava sentado num dos bancos do jardim, admirando a beleza das flores.

A peregrina chegou perto dele e disse:

- Você se lembra de mim? Eu sou aquela moça que fui para o palácio do seu pai, montada nas suas costas. Você era um tatuzinho. Esta cicatriz que você tem no rosto foi um pingo da vela que eu deixei cair, sem querer, e você se desencantou. E desapareceu.

O príncipe se lembrou e reconheceu a esposa. E perguntou pra ela:

Como foi que você conseguiu chegar aqui neste palácio ?

Ela respondeu:

- Vim mendigando. perguntando pra um e pra outro, um pouco embarcada e muito tempo a pé. Mas quem me trouxe aqui foi o Vento. Ele era o único que sabia onde você estava.

(Contado por Nair de Lima, 1990, Olímpia.)

OS TRÊS MENINOS ESPERTOS

1

"Era três moleques esperto e levado da breca. Saíro andando até chegá na casa de uma velha. Cumprimentaro a velha e pediro uma janta. AI a velha falô pr'os moleques assim:

- Entra ali no galinheiro e pega um frango.

Quando os moleque andaro pr'o lado do galinheiro pra pegá o frango, pra velha matá, ela veio com um facão, na mão. Dois moleque era branco e um era preto.

Quando o pretinho viu a velha com o facão na mão, deu sinal para os colegas saí e não abri o galinheiro.

Saíro correndo e subiro numa arve, na beira do rio.

A velha pegó três saco de estopa e três pedaço de barbante e saiu correndo atrás.

A velha abriu a boca de um saco e falô:

- Saco, saco rostés, hoje nós tem pastéis. Cai aqui, moleque.

Um moleque do gaio da arve caiu dentro do saco e ela amarrô a boca do saco.

A velha abriu otro saco.

- Saco, saco rostéis, lloje nós tem pastéis.

Otro moleque caiu da arve e foi voando pra dentro do saco. Ela amarró, bani amarradinho, a boca do saco.

Então a velha pegó o último saco, abriu a boca e disse:

- Cai aqui, negrinho!

O negrinho respondia:

- Saco de velha não me pega.

Os otros dois moleque gritava: - me solta! me solta!

Aí, a velha tomô a falá aquelas palavra que ela tinha esquecido:

- Saco, saco rostéis, hoje nós têm pastéis.

O negrinho tornô a dizê:

- Saco de velha não me pega.

A velha subiu na arve pegando num gaio meio perigoso de subi.

O pretinho desceu por um gaio, muito rápido, e com muita esperteza, ele desatô os saco onde tavam os dois companhero.

Aí os três seguraro a boca de um saco e o negrinho falô:

- Saco, saca rostéis, hoje nós têm pastéis. Cai aqui velha.

Consequiro amarra a boca do saca co'a velha dentro.

Ela gritava:

- Pelo amor de Deus, me solta. Eu não vó fazê nada pra vocês.

Eles respondera:

- Não! A senhora queria comê nós. Pois agora nós vamo jogá a senhora dentro do rio, co'a boca do saco amarrada.

Arrastaro o saco co'a velha dentro e jogaro dentro do rio.

Foi assim que eles se livraro de sê comido pela velha mardosa".

(Contado por Rosa Pereira dos Santos, 1983, Olímpia.)

A PRINCESA E OS PATOS

"Era um vez uma princesa muito rica, muito bonita e muito dedicada que vivia num palácio, numa cidade grande. Era solteira. Ela gostava de criar aves. Criava de um canarinho até aves como ganso, peru e outros. O pai dela, o senhor rei, fazia todos os gostos dela.

Apesar de ter uma grande criação de aves, ela não tinha pato, quer dizer ela não conhecia essa ave. E ficou desesperada pra comprar um casal de patos, pra juntar com as outras aves que tinha.

Um dia ela ficou sabendo que numa fazenda, perto do palácio, tinha muitos patos e ela acabou chegando lá pra ver se conseguia um casalzinho.

Quando ela chegou, ela foi atendida por um rapaz de quinze anos, que cuidava dos patos. Era o empregado da fazenda.

Ela chegou e falou pr' o rapaz:

- Eu vim aqui comprar um casal de patos.

O rapaz respondeu:

- Eles não estão á venda. Meu patrão cria para o gasto. Não vende e nem dá um pato pra ninguém.

Mas a princesa muito exigente disse que não arredava o pé dali sem fazer a compra de um casal de patos.

Depois que ela muito insistiu, o menino estava cansado de ouvir a moça implorar tanto, e falou:

- Alteza, eu vou vender um pato.

Não posso vender o casal. Meu patrão não pode ficar sabendo. Mas eu só vendo o pato se a

senhora me mostrar a marca que a senhora tem no lado direito do peito.

Então, a princesa, louca por ter o pato, puxou o vestido e mostrou o sinal. Era um cravo.

Depois de alguns dias, a princesa voltou à fazenda, para comprar uma pata.

O rapazinho já foi dizendo:

- Nada feito. Eu não tenho ordem pra vender pata por preço nenhum. O patrão não quer.

Mas a insistente perturbou tanto o rapaz que ele acabou tomando uma decisão:

- Princesa, eu só vendo uma pata, se a senhora me mostrar o sinal que a senhora tem, no peito, do lado esquerdo.

Mais uma vez, a princesa que desejava uma pata para formar o casal, puxou novamente o vestido e mostrou o sinal.. Era uma rosa.

Pagou a pata e foi feliz para o palácio.

Num dia, depois de três anos, o rei mandou avisar todos os moços que estavam interessados em casar-se com sua filha, a princesa, que se candidatasse. O que adivinhasse os sinais que ela tinha no peito, se casaria com ela. Mas se não acertasse, morreria na forca.

Um moço da cidade estava muito interessado em se casar com a princesa, mas não sabia quais os sinais que ela tinha no peito.

Esse moço era o amigo do rapaz que trabalhava na fazenda. E um dia conversando os dois, o rapaz disse:

- Eu sei quais são os sinais que ela tem , mas não falo pra ninguém.

O moço ficou doido de contente e começou a atormentar o rapaz para ele dizer que sinais eram.

E o moço, não agüentando o desespero, disse pr'o menino:

- Se você me falar, eu te dou uma boa quantia de dinheiro.

Aí o rapazinho aceitou a proposta e disse:

- A princesa tem um cravo e uma rosa no peito.

O moço pulava de contentamento. Pagou muito bem o menino e foi pr'o palácio e fez a inscrição como interessado. O rei marcou o dia em que ele deveria dizer os sinais.

Mas acontece que o moço não tinha boa memórias. Quando saiu de palácio, já não lembrava mais o que o rapaz tinha falado pr'ele.

Foi outra vez procurar o rapaz. O rapaz então disse:

- Agora eu não falo mais. E não adianta insistir. Pode oferecer o dinheiro que quiser, que eu não aceito. Eu também estou interessado em casar com a princesa.

E fez a inscrição.

No dia pra dar a resposta, compareceram no palácio só os dois: o moço e rapazinho. Então um teria que morrer na forca e o outro se casaria com a princesa.

O rei mandou entrar os dois no salão real e pôs os dois sentados juntos, no mesmo banco. Perguntou primeiro para o rapazinho:

Ele respondeu:

- A princesa tem, no lado direito, um cravo.

Antes que o rapazinho completasse, o moço disse muito depressa:

- E do lado esquerdo, uma rosa. Ele tinha lembrado.

Então o rei disse:

- Os dois acertaram. Agora vamos ver um jeito para fazer o desempate. Mas antes, eu quero oferecer um jantar muito especial para os dois.

O moço comeu tanto, que parecia um porco faminto. o rapaz não comeu nada. Ele pegou uma torrada e guardou no bolso.

Depois do jantar, o rei continuou a conversa com os dois:

- Hoje vocês vão dormir com a princesa. Um de cada lado e a princesa no meio. Amanhã, quando eu entrar no quarto, a escolha vai ser feita assim: casará com minha filha aquele para quem ela estiver voltada pr'ó lado dele. O outro vai para a forca.

De madrugada, o rapazinho disse ao moço que estava com uma terrível dor de barriga e que não havia nenhum lugar onde fazer necessidade.

O moço disse:

- Faz ali naquele canto.

O rapazinho pôs a torrada no chão e pisou em cima dela, fazendo um barulhinho estranho. Depois perguntou pr'o moço:

- E agora o que eu faço com isso? O moço, muito esperto, disse:

- Agora você come , pra não deixar mau cheiro no quarto.

E o rapaz comeu aquela torrada esfarinhada e voltou para a cama.

Não levou muito tempo, o moço começou a sentir uma cólica de intestino e estava desesperado pra fazer a necessidade.

O rapazinho recomendou:

- Faz como eu fiz ali no canto. E o moço se aliviou.

- E agora eu vou deixar essa sujeira aqui?

Disse o rapaz:

- Não! Não pega bem. A princesa não vai gostar.

Coma tudo. Eu também comi.

Aí, então, ele pegava aquela imundícia com a irã e, muito contra a vontade, comeu tudo. Lambuzou todo o rosto. E foi pr'o lugar dele, na cama:

Assim que ele se deitou, a princesa não agüentou o mau cheiro e disse pr'ó rapazinho.

- Vamos sair daqui, que já não suporto mais, e deitar naquele sofá que está ali.

No outro dia, de manhã, o rei entrou no quarto e viu a princesa deitada, em separado, com o rapaz. O moço estava sozinho, na cama.

Escolheu o rapazinho para genro e mandou o moço para a forca.

Depois fez uma festa tão bonita para os noivos que durou três dias. Foi um farturão danado. Tinha até gente de Olímpia.

De um com três

Quatro se faz,

Quem quiser outra

Que conte mais."

(Contado por Sebastiana, 1990, Olímpia.)

FLORISBELA

"Era uma vez um rei que publicou a todos os moços que a filha dele, uma princesa muito bonita, pretendia se casar. Mas pra casar com ela, o moço tinha que responder uma pergunta que a rainha fizesse. E toda pergunta que ela fazia era difícil de resolver. Ela se casaria com o moço que acertasse. E todo moço que não conseguisse responder, morreria degolado.

Um rapaz muito esperto, que morava numa fazenda, ficou sabendo da história e quis ir no palácio pra adivinhar a resposta.

A mãe do rapaz achou que o assunto era muito sério e ficou com muito medo que o filho não acertasse e morresse degolado. Mas apesar do pedido da mãe, o rapaz disse que ia, custasse o que custasse, com pena de ser degolado. Jurou pra mãe que ia participar da adivinhação.

A mãe vendo que não tinha jeito, procurou descobrir um meio para salvar o rapaz. Saiu, um dia, à tarde, e foi na capela da fazenda, pra pedir a Nossa Senhora que livrasse o filho dela. Entrou na capela, rezou muito e fez o pedido. Quando ela ia saindo, chorando demais, uma velhinha perguntou pra ela:

- Por que chora tanto assim, minha filha?

Ela respondeu:

- Estou chorando por causa de um filho meu que vai se apresentar no palácio pra adivinhar a

pergunta que a princesa vai fazer. Se ele acertar, vai casar com ela; se errar, vai morrer degolado.

A velhinha então falou:

- Ele vai errar, mas eu vou ajudar você salvar o seu filho. Você vai fazer três pães pra ele

levar, e um deles vai desviar a idéia do seu filho. Leve esse tanto de fermento pra botar na massa. E ensinou a receita do pão pra ela. Mas não se esqueça de dizer pra ele que cada pão só pode ser partido na beira de um rio.

Essa velhinha era Nossa Senhora.

Chegando em casa a mulher fez os pães, conforme Nossa Senhora ensinou, com aquele fermento que ela tinha dado.

Quando o moço se despediu pra ir pro palácio, a mãe dele colocou os três pães dentro de um embranal e recomendou que só abrisse o pão pra comer perto de um córrego ou de um rio. Pediu a Deus que protegesse ele.

O moço seguiu viagem. Andou bastante, e depois que estava muito cansado, sentou debaixo de uma árvore, num espigão, pra descansar. Estava com fome e se esqueceu da recomendação da mãe.

Abriu o primeiro pão e de dentro dele saiu uma linda moça, pedindo água, com desespero.

- Quero água! Quero água!

Como ali por perto não havia uma gota de água pra dar pra ela, ela morreu na hora.

O moço ficou muito aborrecido, mas não tinha mais jeito de corrigir a burrada dele.

Muito triste, ele continuou a viagem. Andou, andou, andou e outra vez ele sentiu cansaço e muita fome.

Aconteceu a mesma coisa. Do pão saiu uma bela moça, muita mimosa, falando:

- Quero água! Quero água!

Mas de que jeito ele podia dar água pra ela, se por ali por perto não existia nem uma gota de orvalho. E a moça acabou morrendo.

O moço ficou meio atrapalhado, prometendo que não ia abrir o terceiro pão, enquanto não encontrasse um lugar onde tivesse água.

Andou, andou, andou muito mesmo. Estava cansado e com fome, mas não partiu o pão e nem parou de andar. Quando, ele encontrou um córrego, ele parou, sentou na beira dele, quebrou o pão e dele saiu uma moça bonita, bonita mesmo e com muita sede.

- Quero água! Quero água!

Então o moço pegou a água na concha da mão e deu pra ela. Ela bebeu bastante água. E

escapou da morte. Então o moço mudou de idéia, já não queria ir mais pro palácio adivinhar a resposta da pergunta para casar com a princesa, porque a moça que saiu do pão era muito linda, talvez muito mais bonita que a princesa.

Então saíram os dois andando, trocando idéia de como iam ajeitar a vidinha deles. Com isso anoiteceu e já estava muito tarde e eles ficaram com sono. Foi aí que eles encontraram uma casinha abandonada, na beira da estrada, e resolveram passar o resto da noite nela.

O moço estava maravilhado com a moça. Não demorou muito tempo, a moça dormiu. Como o moço tinha levado uma vela e uma caixa de fósforos, de poucos em poucos minutos, ele acendia a vela para admirar a beleza da moça. E numa dessas olhadas, ele deixou cair um pingo de vela no rosto dela.

Ela gritou, dizendo:

- Ai , você me queimou e me encantou. Eu vou desaparecer. Se você quiser me achar, vai ter que gastar um par de sapatos e um bastão, todos os dois de ferro.

Aí a coitada, da mesma maneira que apareceu, ela sumiu.

O moço ficou feito doido. E saiu pelo mundo procurando a moça, que se chamava Florisbela.

Foi primeiro na casa do Vento e perguntou pr'o rei do Vento:

- Você não sabe pra onde foi uma moça chamada Florisbela, que eu ando louco por causa dela.

O rei do Vento falou:

- Ela está na Lua.

Chegou na casa da Lua e perguntou: Lua, aqui está uma moça chamada Florisbela, que eu ando louco por causa dela.

A Lua respondeu:

- Florisbela está no Sol.

O moço não desanimou. Andou, andou, andou, andou, levou muitos meses e chegou na casa do Sol.

Lá chegando, ele fez a pergunta:

-Sol, aqui está uma moça chamada Florisbela, que eu ando louco por causa dela.

O Sol respondeu:

- Ela está no reino dos Urubus.

O pobre do rapaz já tinha gasto quase o sapato e o bastão de ferro, mas não perdeu a esperança de encontrar Florisbela. Só que ele estava muito aborrecido, porque não sabia onde era o reino dos Urubus.

Começou a rezar e logo ele teve uma bonita ajuda.

Em volta dele se reuniu um bando de urubus, bem juntinhas, e pediu pr'o moço se deitar nas costas deles.

O moço se deitou, os urubus voaram e ele foi para onde estava Florisbela.

Lá chegando, foi recebido pelo rei dos Urubus.

O moço contou toda a história pra ele. Então o rei dos Urubus mandou chamar Florisbela e ela veio muito contente. Ela estava muito bonita, mas trazia a marca deixada pelo pingo de veia que ficou no rosto dela pr'o resto da vida.

Eles se abraçaram, se beijaram e juntos foram pra casa da mãe do moço. Depois de poucos dias se casaram. Houve uma bela festa. Eles estão vivendo felizes até hoje. Se você quiser conhecer o casal, vai pedir o endereço que ficou lá com o rei dos Urubus."

(Contado por Sebastiana Matos, 1990, Olímpia.)

O CASAMENTO DA PRINCESA

"Era uma vez uma princesa que queria se casar. Falou pr'o pai dela que queria arranjar casamento. O rei disse:

- Minha filha. São muitos que desejam casar com você. Então pra fazer uma boa escolha e num deixar ninguém magoado, você diz que só se casa com o moço que fizer a pergunta que você não conseguir acertar. Se você acertar, a pessoa vai pra forca.

A princesa respondeu:

- Está certo, papai, eu sou capaz de adivinhar qualquer pergunta! E espalhou a notícia.

Depois de muitas mortes, um moço muito simples, que morava na roça, disse para a mãe dele.

- Mãe, vou no palácio fazer a pergunta para a princesa. E se ela não conseguir responder, eu me caso com ela.

A mãe ficô contrariada. Não queria que ele fosse. E se adivinhasse? O pobre acoitado tinha que morrer enforcado.

Mas O moço teimou, teimou e disse que ia.

Então a mãe dele fez um pão e pôs uma boa dose de veneno na massa. Pelo menos assim , ele não seria enforcado e, morreria ali perto de casa. Assou o pão e deu pra ele levar . Este moço tinha uma cachorrinha que acompanhou ele. A cachorrinha se chamava Cecília. Ele levô também uma espingarda pra se defender.

Quando sentiu fome, ele sentou debaixo de uma árvore pra comer um pedaço de pão, mas antes de comer, ele deu um pedaço pra cachorrinha. A cachorrinha comeu e morreu na hora.

Então o moço preparou a primeira pergunta:

- A massa matou a Cecília.

Ele, então, jogou o pão e começou a cavoucar no pé da árvore e achou um canudinho de ouro. Aí, ele armou a segunda pergunta:

- Bom é o pau, melhor é a raiz. Estando com muita fome, ele viu uma rolinha num galho da árvore. Atirou nela, mas ela voou e a bala acertou uma outra rolinha que ele não tinha visto. Aí ele criou a terceira pergunta:

Atirei no que vi e matei o que não vi.

Ele quis assar a rolinha, mas ali por perto só havia uma cruz fincada. Ele derrubou a cruz e, com ela, fez uma fogueira para assar a rolinha. Assou e comeu. Então ele inventou a quarta pergunta:

- Com lenha sagrada, assei e comi.

Depois ele seguiu viagem e quando foi passando perto de um córrego, avistou um boi morto

rodando em cima da água, carregando uns urubus. Aí, pôde fazer a quinta pergunta:

- Vi um morto carregando os vivos.

Depois dessas cinco perguntas ficou encorajado e andou, andou, até chegar no palácio.

Chegando no palácio, ele mandou chamar a princesa que queria fazer a pergunta pra ela.

Logo a princesa apareceu, certa de que fosse dar a resposta certinha. Antes, ela falou pra ele:

- Você pensa bem o que vai fazer. Se eu acertar o seu fim é triste. Você vai ser enforcado.

O moço respondeu:

- Não tem importância. Eu quero fazer a pergunta.

A princesa então disse:

- Já que você não tem medo, pode perguntar.

O moço com muita calma e educação contou que da casa dele até no palácio tinha acontecido algumas coisas com ele e que, baseado nos acontecidos é que ele ia fazer a pergunta. E contou assim:

- A massa matou a Cecília,

Bom é o pau , melhor é a raiz,

Atirei no que vi, matei o que não vi,

Com lenha sagrada, assei e comi.

E vi um morto carregando os vivos.

O que foi que me aconteceu?

A princesa se viu atrapalhada. Pelejou; pelejou, mas não conseguiu adivinhar. De fato, era muito difícil mesmo a decifração.

Quando ela percebeu que não adivinhava mesmo, ela declarou:

- Você venceu. Eu me caso com você.

O moço mandou buscar a mãe dele para assistir o casamento. O rei fez uma grande festa. Ele ficou morando no palácio.

Eu também fui à festa. Comi e bebi demais. Quando voltei, vinha trazendo prato de bolo pra vocês, mas levei tropeção e espatifou tudo pelo chão."

(Contado por Sebastiana Matos, 1990, Olímpia.)

O REI E O PIOLHO

"Era uma vez um rei que tinha um enorme piolho na cabeça.

A princesa, única filha que ele tinha, viu piolho e disse:

- Papai, o senhor está com um enorme piolho na cabeça. Quer que eu tire pr' o senhor ?

Não, minha filha. Eu vou deixar este piolho crescer. Quero que ele fique bem grande, do tamanho do meu corpo, nem que eu fique sem me levantar da cadeira.

A princesa falou:

- Pra que isso, papai? Pra que essa bobagem?

Piolho não cresce muito. Ficar com piolho faz mal pra saúde.

Mas parecia um mistério, o piolho cresceu e ficou enorme.

A princesa, já tinha mais de vinte anos e estava na idade de casar. E o rei não queria que ela ficasse solteirona.

Então, ele matou aquele piolho e espichou o couro dele na parede do palácio, pr'o lado da rua. E mandou espalhar na cidade a notícia: o moço que adivinhasse do que era aquele couro, se casaria co a princesa.

Todo moço se interessou em descobrir de que bicho era aquele couro.

No porão do palácio morava um criado do rei. Era um preto velho que estava doidinho para se casar com a princesa, mas estava muito difícil de ele descobrir de que bicho aquele couro.

Os moços paravam diante do palácio para adivinhar. No dia seguinte, a princesa se debruçou na janela e ficou observando os que passavam. Nisto ela viu um moço muito bonito de quem ela gostou muito. E falava, só com os lábios, para ele:

É couro de piolho. Mas o moço nada entendia. Fazia aceno, unindo a unha dos dois dedos como se estivesse matando piolho. E tornava a filar baixinho: E piolho. Mas o moço nada entendia.

O preto velho, no porão, bem debaixo da janela da princesa, ouviu a palavra piolho.

Então, pediu licença pr'o rei e falou:

Eu vim aqui para dizer para vossa majestade que eu sei de que é o couro espichado na parede. É couro de piolho.

Como o preto tinha acertado a resposta, o rei lhe deu a mão da princesa em casamento. E ela foi obrigada a casar-se com o preto. O casamento se realizou.

Depois o rei disse pr'a filha:

- Agora você suma pr'o mundo com esse negro!

A princesa muito desgostosa, por ter se casado com quem não queria e por ser tocada do palácio, saiu com o negro, a pé, pensando em dar um fim nele.

Caminharam, caminharam e muito longe eles tiveram que atravessar uma pinguela muito comprida, sobre um rio muito largo: o negro na frente e a princesa atrás. Quando ela chegou no meio do rio, ela deu um empurrão no negro e tibum! lá foi o marido pr'o meio da água, morrendo afogado. Ela atravessou o rio e continuou andando, mas a alma do negro acompanhou ela.

Aí, bastava ela falar qualquer coisa que o negro entrava na conversa. A coisa foi ficando feia. Ia de má pra pior. E pra se libertar daquela atormentação, ela teve urna idéia muito boa:

Fingiu-se de muda.

Caminhou muito tempo ainda e já muito cansada de carregar as duas malas cheias de roupa, ela chegou num outro reinado.

Bateu palmas, foi atendida pela rainha e fazendo gestos, pediu emprego de cozinheira.

Ela era uma moça muito bonita, de ótima aparência e a rainha gostou dela. Deu o emprego de cozinheira e consentiu que ela ficasse morando num quarto junto do palácio.

Naquele palácio tinha um príncipe, moço muito fino, inteligente, que estava com o casamento marcado. Ia casar naqueles dias. A nova empregada, com acenos, disse à rainha que ela sabia cozinhar muito bem e que queria preparar o banquete do almoço do casamento e nem precisava de ajudante. A rainha disse, por sinais, que sim.

Então ela se encarregou de preparar os mais gostosos pratos.

Na cozinha, sem ajudante, enquanto provava o sabor de cada comida, ela dizia em voz baixa:

- Que gostoso está o peru!

E o preto, então, falava:

- Está gostoso? Me dá um pouquinho.

Aí, ela dizia:

- Eu dou um pedacinho deste peru, mas você tem que ficar no meu joelho direito. O negro obedeceu.

Quando ela provou a leitoa, disse:

- A leitoa está melhor que o peru.

O negro já de falar:

- Então me dá um pouquinho.

Eu dou um pedaço, mas você tem que descer pr'o meu pé.

Ela provou o frango assado e disse:

- O frango está melhor que tudo.

E o negro:

- Eu quero frango também.

- Dou uma coxa do frango, mas só se você descer no bico da minha chinela.

O negro atendeu o pedido. Daí, ela tirou a chinela e jogou dentro do fogão, no meio daquelas labaredas. Deu um estrondo que chamou a atenção de todos.

Correram à cozinha para ver o que era, mas ela deu sinal de que não era nada.

A partir daquele momento, ela estava livre. Podia conversar, mas preferiu continuar fingindo de muda.

Na hora do almoço, antes do casamento, ela pediu pra rainha que queria servir à mesa. Teve o consentimento. O noivo sentou na cabeceira da mesa com a noiva. Do lado, ficaram o rei e a rainha.

Mas para servir o almoço, toda vez que entrava no salão da festa, ela se trajava com um vestido de princesa, cada um mais bonito que o outro, que tinha levado naquelas duas grandes malas.

Cada vez que entrava, o príncipe não tirava os olhos dela. Ficava entusiasmado com a beleza da cozinheira. A noiva logo percebeu, encheu de ciúmes e falou:

- *O muda mundana,*

Que pano que dana.

Nessa hora, a cozinheira quebrou a mudez e disse:

- *Ó noiva garrida,*

Inda não caçou

E é minha inimiga.

Foi aí que o príncipe percebeu que ela não era muda. Era linda, bem trajada e muito preparada.

Levantou-se da mesa, deu o braço direito pra cozinheira e disse:

Meus queridos pais e convidados! Este é o almoço da família dos noivos preparado por uma cozinheira misteriosa. Eu me apaixonei por ela. Peço perdão pra minha ex-noiva e convido todos para o meu casamento, mas duas leis, com a cozinheira desse palácio.

Casou com ela. A festa continuou por mais dois dias. O príncipe ficou sabendo que estava se casando com uma princesa, de outro reinado. A outra noiva, coitadinha, não sei que fim levou.

Eu fui à festa desse casamento. Comi muito assado que fiquei uma semana sem querer ver comida".

(Contado por Sebastiana Matos, 1990, Olímpia.)

O RICO E O POBRE

"Quando Nosso Senhor andou no mundo, um dia São Pedro o acompanhou. Andaram demais e quando sentiram fome, foram pedir comida na casa de um rico muito ambicioso, que não dava a menor ajuda a ninguém.

O rico os expulsou, tratando-os de preguiçosos e que fossem arranjar serviço.

Nossa Senhor e São Pedro nada disseram. Abaixaram a cabeça e se foram dali.

Mais adiante, os dois encontram uma casa muito pobre, de um casal trabalhador e hospitaleiro. O homem estava batendo uns pés de feijão que tinha colhido na data de terra de sua casa, filas largou o serviço e foi atender aos dois pedintes. E disse aos dois.

- Entrem. Aqui em casa só temos um pouco de sopa de feijão que sobrou do nosso almoço, nada mais. Se aceitarem, eu ofereço de coração.

Os dois pedintes aceitaram. Enquanto a mulher e o marido foram esquentar a sopa e estender a mesa ira os hóspedes, Nossa Senhor foi ao quintal e pôs fogo naqueles pés de feijão que estavam por bater.

Da cozinha, o casal de velhos viu aquela fogueira e começou a chorar, porque eles só tinham aquele feijão, metade pr'o alimento e outro tanto pra vender. Nisso, Nosso Senhor ordenou ao fogo que parasse e no local apareceu feijão todo ensacado e empilhado.

Depois foram tomar a sopa de feijão. O velho ficou tão agradecido e disse para os hóspedes:

- Fiquem aqui em casa para o jantar. Nós temos no quintal um só frango, mas vamos fazê-lo para vocês dois comerem. Fiquem.

Nosso Senhor e São Pedro aceitaram. Depois que jantaram, Nosso Senhor pediu a São Pedro que ajuntasse os ossos do frango num prato e fosse levá-los ao quintal.

Depois agradeceram muito o casal pelo jantar, pediram que no dia seguinte fossem ao quintal, junto ao prato de ossos do frango. Despediram-se e foram embora. Nosso Senhor e São Pedro saíram abençoando aquele bondoso casal.

No outro dia de manhã, o casal de velhos ouvia berro de carneiros, mugir bois, galinhas cacarejando, e muitos, porcos grunhindo. E a casa deles que a muito rústica se transformou numa linda mansão. Ficaram ricos pela bondade. Quase morreram de felicidade.

O rico, ao se levantar, tomou conhecimento de que o casal pobre tinha ficado rico. Foi, às pressas, a casa deles e fez uma série de perguntas sobre a mudança de vida deles. E ficou sabendo de tudo o que aconteceu. E, em seguida, pôs-se na estrada à procura dos dois mendigos. Encontrou-os, já longe, e os convidou para jantar casa deles. Os dois pedintes aceitaram.

O rico matou um novilho e fez um delicioso churrasco. Depois ele mesmo juntou os ossos, sem que Nosso Senhor mandasse, colocou numa grande travessa e levou para o curral.

Nosso Senhor e São Pedro, agradeceram-no pela comida e foram-se embora.

No dia seguinte, à hora de se levantar, ele e a família se encontravam dentro de um casebre muito ruim e no quintal, onde o rico colocou os ossos, estavam cachorros, lobos e onças que avançaram para o ambicioso. Ficou na pobreza. Pagou caro pela falta de educação e ganância. O pobre ficou rico e o rico, na miséria.

(Contado por Jocelino Cipriano Leal, 1988, Olímpia.)

DICIONÁRIOS DE EXPRESSÕES ORAIS, GLOSSÁRIOS LÚDICOS

DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS

Prata, Mário. Dicionário de Português. Schifaiçvoire. Editora Globo..

BADAGAIO, VAI ME DAR UM - É alguma coisa parecida com *vou ter um troço!!!*

BICHA - É a mais famosa das diferenças. Todo mundo sabe que bicha é fila em Portugal. Mas, por mais que agente esteja preparado para ouvir bicha pra cá, bicha pra lá, sempre se surpreende:

- Era uma bicha enorme, dava a volta no quarteirão...
- Por favor, todos em bicha dupla!

- É proibido furar a bicha!
- Não vale guardar lugar na bicha!
- Bicha em estádio acaba sempre em confusão.
- Em algumas escolas as crianças andam em bicha indiana.
- Que a bicha lhe seja leve.
- "A bicha do *Passa por Mim no Rossio* é a maior bicha de Lisboa!" era a manchete de um jornal, referindo-se ao grande musical português.
- Esta é a bicha do cacete ou a bicha da pastilha elástica?
- Antigamente não tinha tanta bicha assim em Portugal...
- Para se conseguir um dentista brasileiro em Portugal, tem que se passar por várias bichas antes.
- O governo está prometendo acabar com as bichas.
- Já para o rabo da bicha!

BICA - Não é torneira, como dizem os cariocas. É o famoso *cafezinho* paulista, aquele de máquina. Só que, não sei por quê, eles servem sempre meia xícara. Se quiser a chávena inteira, peça uma bica cheia. Em Lisboa, um bom lugar para se tomar um bica é na Brasileira, tradicional café do largo do Chiado, muito frequentado pelo monumental Fernando Pessoa.

BUZARANHA - Tem a cara e o som do que significa em brasileiro: *ventania*. Deu uma buzaranha horrível, derrubou tudo...

CACETE - É o nosso *pãozinho*, mais para a bisnaga, a baguete francesa. Não se assuste se alguém mandar você entrar na bicha do cacete.

CACHOPAS - Com sílaba tônica no o. O nome pode sugerir um belo ensopada de verduras ou um bom mexido de frutos do mar. Mas cachopas são as belas nativas que nos enfeitam no inverno com suas roupas negras e longas e no verão, na praia, sem a parte de cima do biquíni: *moças*.

CAMISOLA - No verão, você vai ouvir muito mas muito mesmo, nas transmissões das corridas de bicicleta, uma paixão europeia, os locutores dizendo que o primeiro classificado vai vestir a camisola amarela. Não se assuste: ele não vai subir as montanhas do Norte vestido de mulher, não. Quase todo tipo de *camisa* é camisola. Grande, pequena, larga, apertada, de homem, de mulher. Tudo camisola. Mas há controvérsias. Uns dizem que camisola tem que ser de lã. Só suéter é camisola? De algodão não vale. Eu desisti de entender. A nossa camiseta, por exemplo, é camisola interior.

CARAÇA!, DO - É uma expressão muito usada, para dizer que a coisa é muito boa, que é maravilhosa, que é a melhor coisa do mundo. Do caraça realmente é o nosso *do caralho*.

COPOS, IR AOS - Eis o grande convite: ir aos copos. Exprime exatamente o seu significado: sair para ir ao encontro dos copos, *sair para beber, encher a cara*. Ir ao Pavilhão Chinês, por exemplo, o bar mais bonito do mundo.

CUECA - Germano de Almeida, excelente escritor cabo-verdiano, escreve uma cena inteira de um quase estupro e, no melhor da narrativa, a rapariga diz: cuidado para não rasgar a minha cueca!!! Parei na leitura e pensei: será um travesti? Nada disso. Acredite quem quiser: cueca é *calcinha de mulher*.

DIÓSPIRO - Com tônica no primeiro o. Aquela fruta vermelha e molinha, tem cara, tem cheiro, tem a casca, tem as sementes, tem jeitão, tem o nome de *caqui*. Mas, em Portugal,

a mesma fruta, com a mesma cor, com o mesmo cheiro, com a mesma casca, com as mesmas sementes, com o mesmo jeitão, chama-se dióspiro. Nunca consegui pedir um dióspiro numa quitanda. Acho um desrespeito à própria fruta.

DUREX - Não tenho vergonha de pedir numa farmácia, nos dias de hoje, uma *camisa-de-vênus*. Durex era marca dos primeiros preservativos (ingleses) vendidos em Portugal. Agora, com a Aids, existem várias marca, mas Durex ficou. Assim como Gillete é sinônimo de lâmina de barbear em vários países do mundo.

Uma amiga brasileira entrou numa loja e pediu:

- O senhor tem durex ?
- Tenho sim senhora. Quantos a senhora quer ?
- Um só. Um rolo.
- Um rolo, minha senhora ?
- Sim, um rolo. Que tamanho o senhor tem ?
- Normal... Bem, os maiores eu acho que devem ter uns vinte centímetros.
- Só? Não tem maior? Assim... uns três metros?
- Três metros, minha senhora? Um durex de três metros?

ESTOU-ME A VIR - Deve vir do inglês *I am coming* e é dito pelas mulheres quando elevadas ao supremo prazer do orgasmo: *estou gozando!*

FAZER Ó Ó - É a primeira expressão que eles ouvem na vida. Nem bem nasceram e a mãe já está ali a *fazer naná*.

GOLO - O brasileiro tirou um a do *goal* inglês. Eles tiraram o mesmo a e acrescentaram um o. Como no Brasil, o *gol* é a máxima de alegria do povo aos domingos. O futebol é o principal esporte do país, seguido pelo andebol (assim mesmo, sem o h) e o hóquei sobre patins. Sem falar no ciclismo, durante o verão, com a famosa Volta de Portugal. (obs. Gol contra é "autogolo")

GUARDAFATOS - Não é nem um livro de memórias nem um diário de adolescente. É, apenasmente, um lugar para se guardar os fatos, ou seja, os ternos: um *guarda-roupa*.

LUME - Quando você estiver num bar ou restaurante sem fósforo e quiser pedir *fogo*, peça lume.

MIÚDOS - São os *garotos* pequenos, antes da adolescência. Depois que crescem um pouco mais, são chamados de putos. Até hoje ninguém conseguiu me explicar o momento exato em que um miúdo vira um puto. Ou seja, todo miúdo é puto, mas nem todo puto é miúdo. Ficou claro? Meu puto, ao ler este verbete, perguntou-me: pai, e se a gente pedir miúdo de frango no açougue, eles vão trazer um pintinho?

OH, PÁ - Tão usada por eles como o pô pelos brasileiros, no início ou no final das frases. Oh, pá vem de uma comida de sílaba: *Oh, rapaz!* Chico Buarque já dizia: foi bonita a festa, pá. Usam também Eh, pá.

PANELEIRO - É a *bicha* nativa. Uma amiga portuguesa me disse que estava no Brasil e viu um anúncio de cozinha que, no final, dizia: acompanha amplo panelheiro! Ela levou um susto: ficou imaginando aquela cozinha linda e uma bichona desfilando por ela.

PENSO HIGIÊNICO - É um penso maior, para as mulheres usarem como *absorvente íntimo*. O Carefree é conhecido como pensinho diário.

PEQUENO ALMOÇO - É o *desjejum*, o *café da manhã*. E não é apenas um copinho de leite ou um copo de Coca. É um pequeno almoço mesmo, pela manhã.

PORREIRO - Ou porreira. Uma coisa porreira é uma coisa *legal*, *genial*. É um giro mais antigo.

PREGO - É o sanduíche mais popular e consumido em Portugal. É o nosso *churrasquinho de carne de vaca*. Se você pedir um prego com martelo, vem com presunto.

SANTINHO!!! - Se você espirrar, imediatamente várias pessoas vão dizer bem alto e bem rápido: Santinho!!! Nada mais é do que o nosso Saúde!!!

SALOIO - Aquele cara do interior que vem para a cidade grande e é enganado por todos: o *caipira*. Começou com os de perto de Lisboa, hoje é do país todo.

TANGA - Se você contar uma história e alguém disser Tanga!, é porque essa história é a maior *mentira*. Mentira é *mentira* mesmo em todo lugar do mundo. O brasileiro é muito mentiroso, mas os portugueses ganham da gente.

TAREIA - Se alguém lhe disser que vai lhe dar uma tareia, não pense nem que é um peixe de água doce do Tejo nem muito menos um documento de imigrante importantíssimo. Tareia é uma *surra*.

DICIONÁRIO CAIPIRACICABANO

Elias Netto, Cecílio. Dicionário do Dialeto Caipiracicabano: *Arco*, *Tarco*, *Verva*. São Paulo: Ed. Signos, 1996. (assina o prefácio dessa obra, o lingüista Carlos Vogt da Unicamp)

A, AH? - Expressão cujo som não é possível de se reproduzir graficamente. É quase um a, a?, com o segundo levemente aspirado. Usa-se o "a, ah?" como interrogação e, ao mesmo tempo, como interjeição de surpresa, exclamativa. Exemplo: quando se fala que alguém morreu, responde-se incredulamente: "a, ah?" Se se conta que aconteceu um terremoto, o "a, ah?" é levemente mais enfático. O importante é saber-se que o "a, ah?" não deve nunca ser confundido com o "ô, o", dadas as sutis diferenças entre um e outro. Somente a prática e o uso definem exatamente situações e circunstâncias em que se usa "a, ah?".

ACABÁ DE ACABÁ - Expressão levemente repetitiva, sutilmente pleonástica, que, por incrível que pareça, significa apenas terminar, concluir, ou simplesmente acabar. Quando nego tá debaixo do chuveiro, a muié reclama da demora, o nego responde: "Carma, muié, já tô saino. Eu já vô acabá de acabá de tomá banho". Outro exemplo: secretárias de executivos. Elas, geralmente, dizem que o chefe está ao telefone, mas, gentis, explicam: "Se o senhor quisé esperá na linha, ele já vai acabá de acabá de falá."

AMASSÁ UM BARRO - Quando as pessoas sentem a necessidade fisiológica proveniente dos intestinos, elas, indo ao banheiro, dizem, elegantemente, que vão amassá um barro, expressão que a humanidade ignorante conhece como fazê cocô. Um ex-vereador de Piracicaba, conhecido como Mungão, estava, certa feita, com o Governador Orestes Quércia e, em dado momento, ficou com dor-de-barriga e deixou a reunião. O governador, também caipirão, perguntou: "Ô, Mugão, onde ocê tá indo?" Respondeu o vereador: "Eu tô cum uma puta diuma dor-de-barriga, governador. Vô indo amassá um barro". O governador entendeu e ficou com pena.

BÍCARO - Trata-se de bico, mas bico de aves. E bico de gente, quando estica os beiços. Curiosamente, porém, o bico, como trabalho provisório, é bico mesmo. Um empresário piracicabano estava em Manaus, no Hotel Tropical, e espantou a todos quando, vendo uma araponga, falou "Óia que puta bícáro grandão que ela tem". Por outro lado, muié, para explicar, por exemplo, porque o marido não a acompanhou ao chá beneficente, explica "Quê! Ele tá de bícáro, hoje". Ou seja: "tá de bícáro significa estar enfezado, neurastênico".

BREGUECE - Todo troço é, também, um breguece. Trata-se de trastes. Nego, quando vai viajar, costuma dizer que vai arrumar alguma coisa e se esquece o nome, pede-se: "Ocê pode passá esse breguece pra mim?" Não se usa em referência a pessoas.

CARCULE SÓ! - Em qualquer manifestação de espanto, de surpresa, seja de alegria ou de tristeza, deve-se usar o carcule só! Quando se anuncia a morte de alguém, o outro comenta: "Morreu? Carcule só!" Se se avisa sobre casamento, o outro responde: "Vai casá?" Carcule só!" Quando se sabe que o amigo foi corneado fala a outro amigo: "Carcule só! Ele foi corneado, já pensô nisso?" E o outro responde: "Imagine se eu nun penso, carcule só!"

ENGANÁ O ESTAMBO - Trata-se de petiscar, de comer alguma coisa antes das refeições. Como se verá em seguida, estambo é estômago. Maridinho, antes do almoço, chega-se à cozinha, fica lambiscando, a muié mande ele embora. Ele diz: "Putá merda, benhe. Eu só vim enganá o estambo, biliscá um torresminho". E ela, preocupada: "Se ocê enganá o estambo agora, despoi ocê num armoça".

ESPICULA DE RODINHA - Por incrível que pareça, espicula de rodinha nada tem a ver com espiculá. Espicula de rodinha é o mesmo que papo-furado, abobrinha, conversa mole. Diz-se que a Vera Fischer, quando conheceu o Gregório Marchiori, falou: "Esse nego é bonitão. Mai inveis de tacá duro, ele fica cum espicula de rodinha. Num dá".

GARROLÊ - Em Piracicaba, nego pode morrê de garrolê. É o mesmo que congestão. Trata-se do seguinte. Um nego tava lendo depois do almoço, teve congestão. A muié dele explicou: "Ele armoçô, pegô o jornal, garrolê o jornal, bateu as bota". A partir daí, qualquer congestão passou a chamar-se garrolê.

GORQUIPA - Os times de futebol de Piracicaba nunca tiveram goleiros, mas gorquipa, mantendo a tradição inglesa: *goal keeper*. Um dos maiores cronistas esportivos brasileiros, o piracicabano Rocha Neto, até hoje comenta em suas memórias: "O XV de Piracicaba sempre teve os meió gorquipa do Brasil. Fernandes foi um deles, um puta dium gorquipa, meu". E chora de saudade.

GURIGUI - Personagem inefável na vida piracicabana. Nenhum outro dicionário registra a palavra, mas o gurigui existe. Ninguém sabe definir o gurigui, mas todos sabem o que é. É o pior da turma, o cafona, o desastrado, o último, o mais bocó. O jornal A Província insistiu o "Troféu Gurigui", em homenagem aos que cometem as maiores besteiras da cidade.

ISPICULÁ - Não tem nada a ver com especulação, com especulador. Ispiculá é xeretar. Assim, não existe em Piracicaba, por exemplo, nego que vai ispiculá na Bolda de Valores. Ispiculador é o que ispicula, o xereta. Durante o governo militar, delegado de Polícia dava a ordem: "Bamo ispiculá no telefone dos nego". Nego percebia, berrava: "Ô, seus fiadiumcorno, o que ocêis tá ispiculando aqui?".

JÁ QUE TÁ QUE FIQUE - Expressão que equivale a uma interjeição de conformação, de aceitação de situações definitivas. Quando nego se lamuria da monotonia de seu casamento, é aconselhado a tomar decisões, a romper. Desanimado, o queixoso fala: "Num tem mai jeito, já vai carrada de tempo que nói temo junto. Já que tá que fique..." Observação importante: a pronúncia é acentuada, com a eufonia da língua japonesa: jáketákefike.

LAMBÃO - Nego abobalhado. É o caso do marido da muié quando vê a Madona na televisão. A muié fala: "O que que ocê tem? Taí cum uma cara de lambão que só veno..."

LASCRIFENTO - Metamorfose da palavra lazarento, que é uma das mais usadas no refinado dialeto caipiracicabano. Em virtude da existência secular de um antigo leprosário, leproso, lazarentos, morféticos ficaram na boca do povo. Lascrifento é o lazarento transformado. "Ô, lascrifenta: onde ocê ponhô minha cueca?", pergunta o amável marido à devotada muié. Para ser mais enfático, pode dizer lascrifa de lascrifento.

LIFORME - É o uniforme. Pode ser uniforme militar, uniforme estudantil, de time de futebol, qualquer uniforme. Um prefeito de Charqueada enviou um ofício ao então Governador Orestes Quércia, solicitando "25liforme para os nosso time de futebol". O Governador despachou: "Autorizo só doi liforme".

MANDÁ TELEGRAMA PRO GETÚLIO - Expressão elegante, eufemismo para fazê cocô, i pra fora, ir ao banheiro. Numa audiência com o então Governador Carvalho Pinto, um ex-prefeito de Capivari ficou com dor de barriga, falou: "O senhor dá licença, Governador? Eu prciso mandá telegrama pro Getúlio". O governador espantou-se: "Mas como? O Getúlio já morreu".

NEM QUI A VACA TUSSA - Expressão que define força, decisão, tomada de posição. Usa-se, quase sempre, para contradizer, negar ou contrariar. Se a muié convida o marido para visitar a mãe dela, o nego, diante da possibilidade de ver a sogra, grita: "Nem qui a vaca tussa eu vô vê a morfiosa de sua mãe".

NUM CHERÁ NEM FEDÊ - Referência a pessoa insossa, apagada, ou a situações mornas. Os torcedores do XV de Piracicaba sempre disseram da Ponte Preta ou do Guarani: "Ih, o timinho deles num chera nem fede". Depois, o XV perdia o jogo.

PONHÁ - Verbo. Corresponde ao verbo por. Em Piracicaba, quem põe alguma coisa em algum lugar não põe, ponha. Há que se Ter cuidado. Nunca, mesmo em situações muito agradáveis, se deve perguntar. "posso por?" Tem-se que falar: "Posso ponhá?" Se há concordância, a pessoa responde: "Pode, ponhe". Se a pessoa deixa, a outra ponhô; se não deixa, não ponhô. Empregada pergunta: "Posso ponhá o armoço?" A conjugação do verbo ponhá, no Passado Perfeito do Indicativo, é fácilima: "Eu ponhei, tu ponhô, ele ponhô, nói ponhemo, vói ponhô, eles ponharo".

POR CAUSO QUE - Por outro lado, quando alguém quer se explicar, usa o por causa que. Marido telefona, à tardezinha: "Benhe... Tô ligano pra expricá que num vô jantá por causa que apareceu um serviço de úrtima hora". Ou a muié, à noite: "Ocê num fai questão de eu durmi sozinha ? É por causa que tô cum uma puta diuma dor de cabeça..."

PUIS CRARO - Expressão que se usa para confirmar o óbvio, verdades cristalinas. Muié, pela manhã, elogia o marido pelo horário em que ele chegou: "Puis craro que eu cheguei cedo, sempre faço isso...", diz o marido. Quando se fala que o time de basquete venceu, alguém explica; "Puis craro que tinha que ganhá. Cum a Paula lá, quem pode cunói?" Quando um casamento se desfaz, a sogra do nego fala: "Puis craro que tinha que acabá: ele nunca prestô".

QUEORQUEAGOR - Pedido de informação sobre horário. Queorqueagor é o mesmo que perguntar: "que hora é agora?" Nego, quando despertado pela manhã e informado de que está atrasado, pergunta: "Putá merda! Mai queorqueagor ?".

RANHÁ MALEMÁ - Como se sabe, os piracicabanos são tímidos, humildes, escondendo os talentos. Nem como instrumentistas dizem de suas qualidades ao piano, ao violino. Todos eles sabem ranhá malemá. O maestro Ernst Mahle, quando dizem de seu virtuosismo ao piano, fica encabulado: "Bondade... Eu sei só ranhá malemá..."

REBOSTEIO - É uma outra designação para encrenca, confusão, sinônimo de reborréia. Rebosteio, porém, é a encrenca irremediável. Havia um vereador em Piracicaba, conhecido como Mugão, que, sabendo de qualquer reunião política, avisava: "Eu já vô ino lá e vô armá um puta dium rebosteio que eles vai vê..."

ROGÁ CATIÇA - Trata-se de rogar praga, de desejar o mal para outros. Quando a Paula está em dia menos inspirado na quadra de basquete, os torcedores caipiracicabanos não têm dúvidas: "Foi a morfiosa da Hortência que rogô catiça".

SABEMELÁ - Outro mistério do dialeto caipiracicabano. Aparentemente, pensa-se tratar de algo relativo a saber, a ter conhecimento. Mas não é nada disso. Sabemelá significa dúvida ou ignorância. Se se pergunta à muié onde está o marido, ela responde: "Sabemelá por ande ele anda..." E se se quer saber quando ele volta, a muié responde do mesmo jeito: "Sabemelá quando ele vorta..."

SEGURÁ CESTO - Fazer companhia, especialmente a namorados. É o destino, por exemplo, de irmã caçula. Mãe manda a neguinha acompanhar a irmã. Neguinha se lamenta; "Eu já tô co saco cheio de segurá cesta pra ela..." É o mesmo que segurá vela, com o mesmo sentido.

SUMI QUI NEM CHAPÉU VÉIO - Desaparecer, sumir, sair. Quando se vai a uma repartição pública e se pergunta de um funcionário, um outro responde: "Inda hoje, gorinha memo ele tava qui, mai sumiu qui nem chapéu véio..."

TÁ CU OVO TRAVESSADO - Estar com mau humor, irritado. A mãezinha, quase todos os dias, fala para os filhos, prevenindo-os: "Hoje, num chegue perto de seu pai. Ele tá cu ovo travessado".

TACÁ NA XINXA - Trata-se, também, da resposta imediata. No caso do Mugão, a notícia se espalhou e, no jardim, um eleitor dele comentou: "Oceis viro, o Mugão? Nego chamô ele de songamonga e ele tacô na xinxa na hora: songamonga é sua mãe". Não se sabe o que é xinxa, mas de tacá na xinxa todos entendem.

UIA - Expressão piracicabana que não encontra equivalente em outros dialetos. Interjeição. Pode denotar distração, espanto, susto, surpresa, o escambau. "Uia, benhe. Eu tava esqueno: hoje é o seu aniversário, né?" fala o marido distraído. "Uia, que puta susto ocê deu ni mim", fala a muié, quando o marido chega mais cedo em casa. Não se usa o uia para escrever, apenas para falar.

VACUNCARMA - Uma das mais sábias expressões piracicabanas. De sabedoria, de experiência. Com o vacuncarma, dão-se bons conselhos. Pai ao filho, quando ele se quer casar: "Vacuncarma, ocê num conhece a moça". A recém-casada, na noite de núpcias: "Vacuncarma, benhe..."

VERADINHA - Há um mistério fonético em Piracicaba, inverso ao do português. Se é verdade que português chama burro de vurro, piracicabano chama beira - a beira do rio, a beirada das coisas - de vera. Veradinha, assim, é a beirinha das coisas. "Ih, que bã! Tá dano uma porrada de peixe lá na veradinha do rio...", dizia Tangará, o pescador. Na cama, nego fala para a muié: "Ocê num qué dexá eu deitá na veradinha?" Civicamente falando, enquanto todos dizem que o Brasil sempre esteve à beira do precipício, piracicabano é mais otimista: "O Brasir sempre teve na veradinha do pricipício".

JOGOS DE PALAVRAS – VIAJANDO NAS APARÊNCIAS

ALOPATIA - dar um telefonema para a tia

AMADOR - o mesmo que masoquista

ABREVIATURA - ato de se abrir um carro de polícia

ADVERSÁRIO - dia de nascimento do fanho: - hoje é meu adversário

AÇUCAREIRO - revendedor de açúcar que vende acima da tabela

BACANAL - reunião de bacanas

BARBICHA - boteco para gays

CAATINGA - cheiro ruim

CÁLICE - ordem para ficar calado

CAMINHÃO - estrada muito grande

CANGURU - líder espiritual de cachorros

CATÁLOGO - ato de se apanhar coisas rapidamente

COMPULSÃO - qualquer animal com pulso grande

DEPRESSÃO - espécie de panela angustiante

DESTILADO - aquilo que não está do lado de lá

DETERGENTE - ato de prender indivíduos suspeitos
 DETERMINA - prender uma moça
 ESFERA - animal feroz amansado
 EVENTO - constatação de que realmente é vento, não furacão
 EXÓTICO - algo que deixou de ser ótico, passou a ser olfativo auditivo
 FORNECEDOR - empresário dedicado ao ramo de encantar os masoquistas
 GENITALIA - órgão reprodutor dos italianos
 HOMOSSEXUAL - sabão utilizado para lavar as partes íntimas
 JURISPRUDENTE - diz-se do grupo de jurados que declara inocente o filho do bicheiro que, em legítima defesa da honra e apenas levemente embriagado bombardeou o asilo de velhinhos cegos Nossa Senhora do Amparo
 KARMA - expressão mineira para evitar o pânico
 LEILÃO - Leila com mais de 2 metros de altura
 LOCADORA - uma mulher maluca de nome Dora
 NOVAMENTE - diz-se de indivíduos que renovam sua maneira de pensar
 OBSCURO - "OB" na cor preta
 PSICOPATA - veterinário especialista em doenças mentais de patas
 QUARTZO - partze ou aposentzo de um apartamentzo
 RAZÃO - lago muito extenso porém pouco profundo
 RODAPÉ - aquele que tinha carro mas agora roda a pé
 SAARA - muulher do Jaacó
 SEXÓLOGO - sexo apressado
 SIMPATIA - concordância com a irmã da mãe
 SOSSEGA - mulher que tem os outros sentidos mas é desprovida da visão
 TALENTO - característica de alguma coisa devagar
 TÍPICA - o que o mosquito nos faz
 TRIGAL - cantora baiana elevada ao cubo
 UNÇÃO - erro de concordância muito freqüente (o correto seria; um é)
 VATAPÁ - ordem dada por prefeito de cidade esburacada, no nordeste
 VIDENTE - dentista falando sobre seu trabalho
 VIÚVA - ato de ver a uva
 VOLÁTIL - sobrinho avisando onde vai
 ZUNZUNZUN - na Fórmula 1, momento em que o espectador percebe que os três líderes da prova acabaram de passar a sua frente
 ZOOLÓGICO - reunião de animais racionais

POESIA MATUTA/POESIA POPULAR CÔMICA

O JOGO DE FITIBÓ

Hoje o pessoá do mato
já esta se acivilizando
já tem rapaz estudando
pras banda da capitá
já tem moça que namora
com imbigo de fora
etc, e coisa e tá

Mas uma coisa eu estranho
me dano e não acompanho
a tá civilização
nem que a morte me mate
nunca fui numa boate
nunca vi televisão

Esse tá de cinema
nem sei cuma é
se é home se é muié
se vem da lua e do só
um teatro eu nunca vi
também nunca assisti
um jogo de fitibó

Mas por arte dos pecado
Um fí do compadre Chico
Um dos fazendero mais rico
Dali daquele arrebó
Com prigiça de istudar
Inventou de inventar
Um djogo de fitibol

E no patio da fazenda
Mandou buta duas barra
e eu fui assistir a farra
do lote de vagabundo
quando vi afrouxei
e garanto que achei
a coisa mió do mundo

Eu cabôco lazarento
com dois metro de artura
os braços dessa grussura
medo pra mim é sulipa
de jogar tive um parpите
aceitei logo o convite
pra mode jogar de quipa

Me deram um calção
listrado
e um par de joelheira
também um par de chuteira
e uma camisa de gola
ai eu gritei arra diabo
já peguei touro brabo
segurei pelo rabo,
porque não pego uma bola!

Sei que o jogo começou
o juiz bom e honesto
pra começar era Ernesto
o nome do apitador
que metido a justiceiro
pra mode o jogo parar
bastava a gente chutar
a cara do companheiro

Bola vai, bola vem
um filho do Zé Paraíba
inventou de dar uns dribla
no filho de Zefa Brejeira
Esse deu-lhe uma rasteira
que o pobre do matuto
passou uns cinco minuto
embolado na poeira

Então o juiz mandou
chutar uma bola contra eu
porque meu fubeque deu
um coice no Honorato
ai o juiz errou
pois se o fubeque chutou
ele que pagasse o pato!

Mas afiná meu patrão
eu não gosto de confusão
mandei o cabra chutar
tanta força a bola vinha
que vinha pequenininha
feito bala de badoque

Quando fui pegar a bola
me trapalhei meu patrão
ela passou entre meus
braços
bateu numa região
foi batendo e eu caindo
e espoliando no chão

O povo bateu eu cima
me dero um chá de jalapa
uns três copos de cachaça
e um chá de quixabera
quando eu tive uma miora
joguei a chuteira fora
sai batendo a poeira

Daquele dia pra cá
nem mode ganhar dinheiro
num jogo mais de goleiro
nem com chuva nem com sol
nem aqui nem no deserto
nunca mais passo nem perto
dum jogo de fitibol

BIBIA DE JOÃO BRÁS (Origem: Paraíba)

Passei dez anos casado
 Com Bibia de João Braz
 Acochado muito mais
 Do que cobra de viado
 Nunca tivemo um danado
 Nunca quisemos brigá
 Jurei nunca laigá
 Pro fim fiquei sem muié
 Que muié e cascavé
 Só pega sem avisá

Eu andando um certo dia
 Pras banda de Assaré
 Cheguei em casa de pé
 Cacei num achei Bibia
 Perguntei a minha tia
 Cadê a minha crioula ?
 A véia matuta e tôla
 Me dixeu escorando a fonte
 Bibia fugiu antonte
 Cum "seu"Raimundo Carrôla

Eu dixeu será possive
 Bibia fez deu boi ?
 A véia dixeu, mais foi
 Fez um papé muito horrive
 Só do desgosto que tive
 O mundo ficou azul
 O norte passou pro sul
 Senti uma coisa choca
 Que me deu uma frivioca
 Do gogó pro mucumbú

Fui a mala que nós tinha
 Coberta com uma estopa
 Fui procurá nossa roupa
 Quase caí na camarinha
 Achei toda a roupa minha
 Mas fartava a de Bibia
 Minhas roupa sem as dela
 Só se parece eu sem ela
 Na cama que nós drumia

Um parpito me bateu
 Fui a outra maletinha
 Inda achei a cuequinha
 Dela tomá banho mais eu
 Num era mais pareceu
 Cum ela quando vestia
 Ai não! Quase eu morria
 Pinotei pelo terreiro
 Inda dei catorze cheiro
 Na cueca de Bibia

Ainda fui na cancela
 Da nossa roça pequena
 Ví a jumenta morena
 Que nós botava água nela
 Aí rescordei mais ela
 Das água que nós trazia
 Me deu uma agonia
 Uma coisa tão nojenta
 Ainda bejei a jumenta
 Pensando que era Bibia

Eu padeço todo dia
 É tão grande o meu martrato
 Quando vou cumê um prato
 Sobra o prato de Bibia
 Na cama é uma gonia
 Quando tem eu farta ela
 Até a rede amarela
 Tá pensa que tá danada
 Cum eu na minha beirada
 Sobrando a beirada dela

Pro caso dum vagabundo
 Tô numa vida medonha
 E aquela sem-vergonha
 Sendo ruim no meio do mundo
 Ai meu Deus se "seu"Raimundo
 Tomasse ódio de Bibia
 E ela vortasse um dia
 Nem que lascasse o meu nome
 Do jeito que eu tô cum fome
 Se ela vortasse eu queria

Festa de Inleição

Seo dotô,
 Pras nossa banda
 quando é festa de inleição,
 os candidato é que manda,
 dão cumida e condução.
 E todos que vão votá
 Come inté se arripuná
 Carne de porco e pirão.
 Lá só tem dois partido,
 que é governo e opusição.
 E que o cabra queira ô que não,
 tem que iscuiê um dos dois
 pra pudê votá dispois,
 nos dia das inleição.
 Tamém nenhum deles presta:
 nem se cunhece esses hôme!
 Mas nós vamo memo é pra festa
 tirá a barriga da fome.
 Dispois, votá pur votá
 do voto que a gente dá
 só se apruveita o que come!...
 Foi pur isso que o Vicente,
 nessa úrtima inleição,
 cumeu, inté ficá doente,
 carne de porco, pirão,
 sarapaté e churiço.
 E dispois, com sacrificio,
 foi votá na opusição.
 Mas quano chegô na hora
 dele ir pra urna votá,
 o pobre quis ir lá fora
 pra pudê se aliviá.
 Mas o tá do presidente
 começô chamá Vicente
 e mandô logo ele entrá:
 "Assine seu nome nesses papé,
 dispois entra na gabine
 e vota lá em quem quisé.
 Mas não demora lá dentro
 que os outro tamém qué".
 Aí Vicente assinô
 o que tinha de assiná,
 e se turcendo de dô,
 num pudendo nem falá,
 mostra o título, se privine,
 fecha a porta da gabine
 e aí cumeça a VOTÁ!
 Já fazia meia hora
 e o pessoá lá fora
 cumeçô a recramá.

Diz um: "Seo presidente,
 óia a demora,
 esse hôme vota ou num vota?"
 Diz outro fazendo chacota:
 "Ah! Bamo simbora,
 a urna é só pro Vicente,
 o peste do presidente
 num bota ele pra fora!"
 Aí, pra num havê revorta,
 foi dipressa o presidente
 batê cum força na porta
 do gabine do Vicente.
 Dispois de muitas batida,
 uma voz grossa, isprimida,
 falô lá de dentro:
 "Tem gente!"
 Compilada por Pompílio Diniz
 Site: mundocaipira.com.br

Diferença

Istavam os dois na jinela,
 Ele bem pertinho dela,
 Namorano e dano chêro.

Diz ela:
 - "Juca, me arresponde,
 praquê que a lua se isconde
 pur detráis do nivuêro?"

- "Rosinha,
 toda vez que a lua ispia
 e vê nós dois na jinela,
 isconde seu quilarão
 praquê vancê no sertão
 é mais fremosa qui ela".

Purém casaram-se os dois
 E essa pergunta dispois
 Rosinha torna a fazê.
 E Juca responde às botada:
 "Pergunta besta danada,
 num sabe que é pra chuvê?!"
Compilada por Pompílio Diniz
Site: mundocaipira.com.br

ROMANCES E XÁCARAS**O ROMANCE DE CLARA MENINA COM D. CARLOS DE ALENCAR**

ESTAVA CLARA MENINA
COM DOM CARLOS, A BRINCAR,
NUA DA CINTURA PRA CIMA,
NUA DA CINTURA PRA BAIXO,
NAMORO PRA SE CASAR!
MAS PASSOU UM CAÇADOR
QUE NÃO DEVIA PASSAR...

- ESTA É CLARA MENINA
COM D. CARLOS A BRINCAR
E ISTO QUE ESTOU VENDO AQUI
A MEU REI EU VOU CONTAR!
A MEU REI EU VOU CONTAR!
E UM BOM POSTO EU VOU GANHAR

- ISSO QUE TU VISTE AQUI
A MEU PAI NÃO VAIS CONTAR!
QUE EU TE DOU LÉGUAS DE TERRA
QUE NÃO POSSAS CAMINHAR
E A MINHA PRIMA CARNAL
PARA CONTIGO CASAR!

- NÃO QUERO LÉGUAS DE TERRA
QUE EU NÃO POSSA CAMINHAR,
NEM TUA PRIMA CARNAL
PARA COMIGO CASAR,
PORQUE O QUE EU VI AQUI
A MEU REI EU VOU CONTAR,
A TEU PAI EU VOU CONTAR
E UM BOM POSTO EU VOU GANHAR!

- ISTO QUE TU VISTE AQUI
AO REI TU NÃO VAIS CONTAR!
QUE EU TE DOU O MEU CAVALO,
ARREADO COMO ESTÁ:
COM TREZENTOS CASCAVÉIS
AO REDOR DO PEITORAL,
CEM DE OURO, CEM DE PRATA
E CEM DO MAIS FINO METAL!

EU NÃO QUERO O TEU CAVALO
ARREADO COMO ESTÁ:
COM TREZENTOS CASCAVÉIS
AO REDOR DO PEITORAL,
CEM DE OURO, CEM DE PRATA
E CEM DO MAIS FINO METAL,
PORQUE, O QUE EU VI AQUI
A MEU REI EU VOU CONTAR!
AO PAI DELA EU VOU CONTAR
E UM BOM POSTO EU VOU GANHAR!

- POR QUE NÃO FALAS LOGO
COMO TENS QUE ME FALAR?
SE ELA ESTAVA COMO DIZES,
COM DOM CARLOS, A BRINCAR,
NUA DA CINTURA PRA CIMA,
NUA DA CINTURA PRA BAIXO,
ESTAVA NUA PRA ENJAMBRAR!

- EU SERIA UM ATREVIDO
SE ASSIM FOSSE COMEÇAR!
MAS AQUI VAI AVERDADE:
ME MANDARAM ME CALAR!
A PRINCESA DONA CLARA
INDA QUIS ME SUBORNAR.
ELA QUIS ME DAR AS TERRAS
QUE AINDA VAI HERDAR
E SUA PRIMA CARNAL
PRA COMIGO CASAR!

- E QUE FOI QUE RESPONDESTES
DEPOIS DELA ASSIM FALAR?

- DISSE: "O QUE EU VI AQUI
A SEU PAI EU VOU CONTAR!
A MEU REI EU VOU CONTAR
E UM BOM POSTO EU VOU GANHAR!"

- TU FIZESTE MUITO MAL
EM AQUI ISSO CONTAR,
NA FRENTE DE TODO MUNDO,
PRA TODO MUNDO ESCUTAR!
DEVIA TER ME CHAMADO
PARA UM PARTICULAR!

ESTAVA SÓ BRINCANDO
QUANDO DISSO VIM FALAR!
NÃO ERA DONA CLARA MENINA
NEM DOM CARLOS DE ALENCAR!
ELA ESTAVA BEM VESTIDA
LÁ NA IGREJA, A REZAR!

TU TERIAS GANHO O POSTO
FALANDO EM PARTICULAR,
MAS NA FRENTE DESSE POVO,
O QUE MERECEES GANHAR
É O CEPO DO CARRASCO
QUE ESTÁ A TE ESPERAR
PRA ESSA SUA CABEÇA
DE UM SÓ GOLPE DEGOLAR!

- Ô MEU REI, MEU ALTO REI,
VIM AQUI PRA VOS CONTAR
QUE ENCONTREI VOSSA FILHA
COM D. CARLOS A BRINCAR;
NUA DA CINTURA PRA CIMA,
NUA DA CINTURA PRA BAIXO,
NAMORO PRA SE CASAR!

E COMIGO E COM D. CARLOS
QUE AÇÃO VAIS PRATICAR?

MENINA DESMIOLADA,
EU DEVIA TE MATAR!
MAS MORRIAS DIFAMADA
E ASSIM, É MELHOR CASAR!
VOU TE CASAR COM D. CARLOS,
COM D. CARLOS DE ALENCAR.

(Tradição Popular/ versão em CD, Antonio
Nôbrega, "Na Pancada do Ganzá")

XÁCARA DA BELA INFANTA

(Versão do Rio Grande do Norte - Câmara Cascudo, Vaqueiros e Cantadores. Edições de
Ouro.)

CHORAVA A INFANTA CHORAVA
LÁ DENTRO DA CAMARINHA.
PERGUNTOU-LHE O REI SEU PAI
- POR QUE CHORAS, FILHA MINHA?

POR QUE CHORAS, SENHOR CONDE
POR QUE CHORAS, MEU MARIDO?
OU VOS MANDAM PRA BATALHA
OU VOS MANDAM PRA TURQUIA?

EU NÃO CHORO, SENHOR PAI,
SE CHORASSE RAZÃO TINHA,
A TODAS VEJO CASADAS,
SÓ A MIM VEJO SOZINHA!

NEM ME MANDAM P'RA BATALHA,
NEM ME MANDAM P'RA TURQUIA...
MANDAM QUE MATE A VÓS
P'RA CASAR COM SUA FILHA!

PROCUREI EM MEU REINADO,
FILHA, QUEM TE MEREÇIA,
SÓ ACHEI O CONDE OLÁRIO
ESTE MULHER E FILHO TINHA....

NÃO ME MATES, SENHOR CONDE,
NÃO ME MATES, MEU MARIDO,
MANDE-ME P'RA MINHA TERRA
ONDE PAI E MÃE EU TINHA.

ESTE MESMO É QUE EU QUERIA,
MANDE CHAMAR SENHOR CONDE,
MANDE CHAMAR SENHOR CONDE,
PELA MINHA ESCRAVARIA.

TUDO ISSO TENHO FEITO
E NADA ME É CONCEDIDO,
SENÃO QUE MATE A VÓS
P'RA CASAR COM SUA FILHA.

PALAVRAS NÃO ERAM DITAS
QUANDO NA PORTA ESTARIA;
- QUE QUER VOSSA MAJESTADE
COM A MINHA SENHORIA?

PALAVRAS NÃO ERAM DITAS
QUANDO NA PORTA ESTARIA;
SE NÃO MATOU A CONDESSA,
A DE CÁ QUE MATARIA...

MANDO QUE MATE CONDESSA
P'RA CASAR COM MINHA FILHA
E TRAGA-ME SUA CABEÇA
NESTA DOURADA BACIA.

DAÍ-ME PAPEL E TINTA,
DA MELHOR ESCRIVANIA,
QUERO ESCREVER A MEU PAI
A MORTE DE SUA FILHA.

SAI O CONDE POR ALI
COM TRISTEZA EM DEMASIA;
COMO MATAREI CONDESSA
QUE MORTE NÃO MEREÇIA?

DÊ-ME ESTE MENINO
P'RA MAMAR POR DESPEDIDA,
QUE ELE HOJE INDA TEM MÃE
QUE TANTO BEM LHE QUERIA.
AMANHÃ TERÁ MADRASTA

BOTA-ME A MESA, CONDESSA,
BOTA-ME A MESA, MINHA VIDA...
- A MESA SEMPRE ESTÁ PRONTA
PARA VOSSA SENHORIA.

SENTARAM-SE OS DOIS NA MESA,
NEM UM NEM OUTRO COMIA,
QUE AS LÁGRIMAS ERAM TANTAS
QUE PELA MESA CORRIA....

DA MAIS ALTA SENHORIA

JÁ OUÇO TOCAR O SINO...
AI MEU DEUS! QUEM MORRERIA?
- MORREU A BELA INFANTA
PELO MAL QUE COMETIA,
DESCASAR OS BEM-CASADOS,
COUSA QUE DEUS NÃO QUERIA!...

CONTO ACUMULATIVO

ESTÓRIA DA COCA¹

Uma vez um menino foi passear no mato e apanhou uma coca. Chegando em casa, deu-a de presente à avó, que a preparou e comeu. Mais tarde, sentiu fome o menino e voltou para buscar a coca, cantando:

*Minha avó, me dê minha coca,
Coca que o mato me deu.
Minha avó comeu minha coca,
Coca recoca que o mato me deu.*

A avó, que já havia comido a coca, deu-lhe um pouco de angu. O menino ficou com raiva, jogou o angu na parede e saiu. Mais tarde, arrependeu-se e voltou, cantando:

*Parede, me dê meu angu,
Angu que minha avó me deu.
Minha avó comeu minha coca,
Coca, recoca que o mato me deu*

A parede, não tendo mais o angu, deu-lhe um pedaço de sabão. O menino andou, andou, encontrou uma lavadeira, lavando roupa sem sabão e disse-lhe: Você lavando roupa sem sabão, lavadeira? Tome este pra você.

Dias depois, vendo que a sua roupa estava suja, voltou pra tomar o sabão, cantando:

*Lavadeira, me dê meu sabão,
Sabão que a parede me deu.
Parede comeu meu angu,
Angu que minh'avó me deu.
Minh'avó comeu minha coca,
Coca, recoca que o mato me deu.*

¹ Essa notável história foi utilizada por Guimarães Rosa na novela "Miguilim". O personagem, o menino Miguilim, conhece essa história e vive tentando repeti-la de memória e acaba atribuindo o nome CUCA (em vez de Coca) para sua cachorra.

A lavadeira já havia gasto o sabão: deu-lhe então, uma navalha. Adiante, encontrou um cesteiro cortando cipó com os dentes. Então disse-lhe: Você cortando cipó com os dentes?!...Tome esta navalha.

O cesteiro ficou muito contente e aceitou a navalha. No dia seguinte, sentindo o menino a barba grande, arrependeu-se de ter dado a navalha (ele sempre se arrependia de dar as coisas) e voltou para buscá-la, cantando:

*Cesteiro, me dê minha navalha,
Navalha que lavadeira me deu.
Lavadeira gastou meu sabão,
Sabão que parede me deu.
Parede comeu meu angu,
Angu que minha avó me deu.
Minh'avó comeu minha coca,
Coca, recoca que o mato me deu.*

O cesteiro tendo quebrado a navalha, deu-lhe, em paga, um cesto. O menino recebeu o cesto e saiu, dizendo consigo: Que vou eu fazer com este cesto ?

No caminho encontrando um padeiro fazendo pão e colocando no chão, deu-lhe o cesto. Mais tarde, precisou do cesto e voltou para buscá-lo, com a mesma cantiga:

*Padeiro, me dê meu cesto,
Cesto que o cesteiro me deu.
O cesteiro quebrou minha navalha,
Navalha que a lavadeira me deu.*

O padeiro, que tinha vendido o pão com o cesto, deu-lhe um pão. Saiu o menino com o pão e, depois de muito andar, não estando com fome, deu o pão a uma moça, que encontrou tomando café puro. Depois, sentindo fome, voltou para pedir o pão à moça e cantou:

*Moça, me dê meu pão,
Pão que o padeiro me deu,
O padeiro vendeu meu cesto
Cesto que o cesteiro me deu, etc.*

A moça havia comido o pão: não tendo outra coisa para lhe dar, deu-lhe uma viola. O menino ficou contentíssimo; subiu com a viola numa árvore e se pôs a cantar:

*De uma coca fiz angu,
De angu fiz sabão,
De sabão fiz uma navalha,
De uma navalha fiz um cesto,
De um cesto fiz um pão,
De um pão fiz uma viola,
Dingue lidingue que eu vou para Angola,
Dingue lidingue que eu vou para Angola.*

Informação de D.Esther Cerqueira, nascida em Salvador, em 1.869, talvez, de origem portuguesa. (gravado pelo selo Eldorado, na voz de Elba Ramalho, num CD cujo título é "Brincadeiras de Roda, Estórias e Canções de Ninar".)

A FORMIGA E A NEVE

(Sergipe)

Uma vez uma formiga foi ao campo e ficou presa num pouco de neve. Então ela disse à neve: "O' neve, tu és tão valente que o meu pé prendes?" A neve respondeu: "Eu sou valente, mas o sol me derrete". Ela foi ao sol e disse: "O' sol, tu és tão valente que derretes a neve, a neve que meu pé prende?" O sol respondeu: "Eu sou valente, mas a nuvem me esconde". Ela foi à nuvem e disse: "O' nuvem, tu és tão valente que escondes o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?" A nuvem respondeu: "Sou valente, mas o vento me desmancha". Ela foi ao vento: "O' vento, tu és tão valente que desmanchas a nuvem, a nuvem que cobre o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?" - "Sou valente, mas a parede me faz parar". Vai à parede: "O' parede, tu és tão valente que paras o vento, o vento que desmancha a nuvem, a nuvem que esconde o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?" - "Sou valente, mas o rato me fura". Foi ao rato: "O' rato, tu és tão valente que furas a parede, a parede que para o vento, o vento que desmancha a nuvem, a nuvem que esconde o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?" - "Sou valente, mas o gato me come". Vai ao gato: "O' gato, tu és tão valente, que comes o rato, o rato que fura a parede, a parede que para o vento, o vento que desmancha a nuvem, a nuvem que esconde o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?" - "Sou valente, mas o cachorro me bate". Vai ao cachorro: "Tu és tão valente, que bates no gato, que come o rato, que fura a parede, que para o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende?" - "Sou valente, mas a onça me devora". Vai à onça: "Tu és tão valente que devoras o cachorro, que bate no gato, que come o rato, que fura a parede, que para o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende?" - "Eu sou valente, mas o homem me mata". Vai ao homem: "O' homem, tu és tão valente que matas a onça, que devora o cachorro, que bate no gato, que come o rato, que fura a parede, que para o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende?" - "Eu sou valente, mas Deus me acaba". Foi a Deus: "O' Deus, tu és tão valente que acabas o homem, que mata a onça, que devora o cachorro, que bate no gato, que come o rato, que fura a parede, que para o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende?" Deus respondeu: "Formiga, vai furtar". Por isso é que a formiga vive sempre ativa e furtando.

RATO

**TODO RATO TEM RABO LONGO
 TODO RATO TEM FARO ESPERTO
 TODO RATO CURTE ESCURO, LAMBE RESTOS
 TODO RATO DEIXA RASTROS
 TODO RATO TRAI E MENTE
 TODO RATO ASSUSTA A GENTE
 TODO RATO ANDA EM BANDO
 SÃO OS RATOS, SÃO OS RATOS
 SÃO OS RATOS BEM MALANDROS**

**MAS SEMPRE TEM UM QUE É DIFERENTE
 TEM SEMPRE UM QUE ATÉ SURPREENDE A GENTE
 ESTE RATO QUE AQUI SE MOSTRA**

**É UM RATO QUE A GENTE GOSTA
É UM RATO QUE EM VEZ DE CATAR
LASQUINHAS DE QUEIJO E COMER NA RUA
PREFERE MIL VEZES UM BEIJO
UM BEIJO BRILHANTE DA LUA**

**- LUA MINGUANTE LUA CRESCENTE
DECLARO SER O SEU MAIS LINDO AMANTE
COM VOCÊ EU QUERO ME CASAR
FAZER DA NOITE ESCURA O NOSSO ALTAR**

**- RATO MEU QUERIDO RATO
EU NÃO SOU ASSIM DE FINO TRATO
PRA SELAR ESTE CONTRATO
MINHA LUZ É PASSAGEIRA
FICO SEMPRE POR UM TRIZ
MESMO QUANDO ESTOU INTEIRA
VEM A NUVEM ME COBRIR
ELA SIM, NUVEM FACEIRA
É QUE LHE FARÁ FELIZ**

**- NUVEM REDONDA QUE COBRE O LUAR
DECLARO SER O SEU MAIS LINDO AMANTE
COM VOCÊ EU QUERO ME CASAR
FAZER DO CÉU IMENSO O NOSSO ALTAR**

**- RATO MEU QUERIDO RATO
EU NÃO SOU ASSIM DE FINO TRATO
PRA SELAR ESTE CONTRATO
MINHA SOMBRA É TÃO NUBLADA
FICO SEMPRE POR UM TRIZ
MESMO QUANDO ESTOU PARADA
VEM A BRISA ME DILUIR
ELA SIM BRISA DANADA
É QUE LHE FARÁ FELIZ**

**- BRISA MACIA QUE DESTRÓI A NUVEM
QUE COBRE O LUAR
DECLARO SER O SEU MAIS LINDO AMANTE
COM VOCÊ EU QUERO ME CASAR
FAZER DO VENTO O NOSSO ALTAR.**

**- RATO MEU QUERIDO RATO
EU NÃO SOU ASSIM DE FINO TRATO
PRA SELAR ESTE CONTRATO
MESMO QUANDO EU SOPRO FORTE
VEM A PAREDE ME BARRAR
SÓ A PAREDE DE UMA CASA
NÃO DEIXA A BRISA PASSAR
ELA SIM DURA PAREDE
É QUE APRENDERÁ TE AMAR.**

**- PAREDE PARADA
QUE BARRA A BRISA, QUE DESTRÓI A NUVEM**

**QUE COBRE O LUAR
DECLARO SER O SEU MAIS LINDO AMANTE
COM VOCÊ EU QUERO ME CASAR
FAZER DA TERRA O NOSSO ALTAR**

**- RATO MEU QUERIDO RATO
EU NÃO SOU ASSIM DE FINO TRATO
PRA SELAR ESTE CONTRATO
MEUS TIJOLOS SÃO DE BARRO
MAS NÃO É DIFÍCIL ME ESBURACAR
MESMO SENDO BEM SEGURA
VEM A RATINHA ME CAVOUCAR**

**SÓ A RATINHA BEM DENTUÇA
SABERÁ COMO TE AMAR**

**- RATINHA DENTUÇA
QUE CAVOUCA A PAREDE, QUE BARRA A BRISA,
QUE DESTRÓI A NUVEM, QUE COBRE O LUAR
DECLARO SER O SEU MAIS LINDO AMANTE
COM VOCÊ EU QUERO ME CASAR
FAZER DA NATUREZA NOSSO ALTAR**

**- RATO MEU QUERIDO RATO
EU QUE SOU ASSIM DE FINO TRATO
PRA SELAR ESTE CONTRATO
O MEU FARO É TÃO CERTEIRO
COM VOCÊ VOU SER FELIZ
MESMO NÃO SENDO PERFEITA
EU SOU A RATINHA ELEITA
FICO TODA AQUI SEM JEITO
ESPERANDO UM GRANDE QUEIJO (OPS!)
ESPERANDO UM GRANDE BEIJO.**

(PAULO TATIT/EDITH DERDYK)

CD CANÇÕES CURIOSAS/PALAVRA CANTADA